

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LUCAS SOUZA DA SILVA

**AS NOVAS DINÂMICAS DO CRIME EM PORTO ALEGRE: OS IMPACTOS DA
GUERRA ENTRE COLETIVOS CRIMINAIS NA VIDA DOS JOVENS DA VILA
JARDIM**

Porto Alegre
2022

LUCAS SOUZA DA SILVA

**AS NOVAS DINÂMICAS DO CRIME EM PORTO ALEGRE: OS IMPACTOS DA
GUERRA ENTRE COLETIVOS CRIMINAIS NA VIDA DOS JOVENS DA VILA
JARDIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães

Porto Alegre
2022

LUCAS SOUZA DA SILVA

**AS NOVAS DINÂMICAS DO CRIME EM PORTO ALEGRE: OS IMPACTOS DA
GUERRA ENTRE COLETIVOS CRIMINAIS NA VIDA DOS JOVENS DA VILA
JARDIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 13/05/2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutoranda Marcelli Cipriani
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

DA SILVA, LUCAS SOUZA
AS NOVAS DINÂMICAS DO CRIME EM PORTO ALEGRE: OS
IMPACTOS DA GUERRA ENTRE COLETIVOS CRIMINAIS NA VIDA
DOS JOVENS DA VILA JARDIM / LUCAS SOUZA DA SILVA. --
2022.
67 f.
Orientador: ALEXANDRE ALMEIDA DE MAGALHÃES.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. JUVENTUDE. 2. COLETIVOS CRIMINAIS. 3. VILA
JARDIM. 4. GUERRA. 5. VIOLÊNCIA. I. MAGALHÃES,
ALEXANDRE ALMEIDA DE, orient. II. Título.

Em memória a minha avó e meu avô, exemplos de coragem,
simplicidade, resistência e amor; também
aos meus irmãos e amigos mortos na *guerra*.

AGRADECIMENTOS

Olhando para trás, percebo o quanto mudei e o quão importante foi na minha trajetória a presença de cada um dos que dividiram/dividem os mais diversos espaços comigo.

Sendo o primeiro da minha família a cursar o ensino superior, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mais especificamente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a todos que lutam para garantir o direito à universidade pública e de qualidade. Que seja cada vez mais comum histórias como a minha ocuparem espaço nas universidades, evidenciando nossas demandas e os nossos conhecimentos únicos.

Não poderia me esquecer do Gomão, a Escola Estadual de Educação Básica Gomes Carneiro, que sempre será a minha casa. De lá trago lembranças boas e ruins, mas certamente as amizades, o futebol na quadra ou no areão, as festas julinas, os natais, a merenda especial, as boas risadas com professores e funcionários e os beijos escondidos atrás do galpão, ocupam um lugarzinho especial no meu coração.

Agradeço aos meus amigos e amigas, que (quase) sempre aturam o meu mau humor e as minhas reclamações de tudo e todos. Valeu Senna, não te morde! Nessa caminhada pela graduação não posso deixar de mencionar minhas amigas Gabi e Ana, que além de serem minhas colegas no Gomes, também cursam Ciências Sociais. Ao Gui, meu irmão de atos, campanhas políticas e viagens pra Brasília de ônibus. Às madrinhas ex-rueiras cachaceiras que o RUA me presenteou (Duda e Fê – ÊÊh, Pai) e aos guri da vila que desde pequeno tão sempre de resenha comigo na Germa. Gratidão aos guris que aceitaram fazer parte do trabalho, tamo Junto! Vocês são parte fundamental dessa pesquisa. Devo uma pra vocês! E claro, agradecer ao meu orientador, Alexandre Magalhães, que sempre esteve presente e disposto a ajudar no andamento da pesquisa.

Por fim, agradecer a toda minha família. Minha mãe e meu pai que me proporcionaram condições necessárias para que eu chegasse até aqui. Ao meu irmão William e à Thaís, minha sobrinha, minha dinda Nega e minha tia Paty, e em especial a minha avó e ao meu avô - minha véia e meu véio - que foram os que mais me motivaram a seguir no curso e os que mais torciam pelo meu sucesso, e

infelizmente acabaram partindo durante o processo de execução desse trabalho, deixando um vazio imenso na alma. Gratidão por tudo. Amo vocês!

RESUMO

A partir do ano de 2016 as dinâmicas do crime na cidade Porto Alegre são alteradas brutalmente. O avanço de um dos maiores coletivos criminais do estado resultou na aliança de diversos grupos espalhados pela cidade, que se sentiam ameaçados pelo processo expansionista. Com isso, as periferias da cidade de Porto Alegre começam a registrar o aumento exponencial no número de homicídios, que veio a decair significativamente após 2018, mas cujos resquícios são observados até hoje. Esse evento, que ficou conhecido como *guerra*, não alterou somente o número de homicídios e o seu perfil, mas também impactou as formas de ocupação dos territórios e as redes do tráfico na cidade. A partir do bairro Vila Jardim, o mais afetado pelas disputas - e local em que eu e meus interlocutores residimos - a presente pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a guerra produziu impactos subjetivos e também objetivos para os jovens que experienciaram esse evento através desse espaço. Sendo assim, são abordados os caminhos que levam à guerra e de que forma os jovens não envolvidos se relacionam com os “mundos” presentes nas periferias, os significados do luto pelos amigos e parentes assassinados e a reconstrução da vida cotidiana em meio ao conflito.

Palavras-chave: Juventude; coletivos criminais; Vila Jardim; Guerra; Violência

ABSTRACT

Since the year of 2016, the dynamics of organized crime in Porto Alegre city, has been brutally changed. The advance of one of the largest criminal groups in the state, resulted in the alliance of several other groups in the city, who felted threatened by the expansionist process. As a result, the peripheral areas of the city of Porto Alegre register an exponential increase in the number of homicides, which declined significantly after the year 2018, but having remnants to this day. This event, known as *war*, not only changed the number of homicides and their profile, but also impacted the forms of occupation of territories and the traffic connections in the city. From the Vila Jardim neighborhood, the most affected by the disputes - and the place where my interlocutors and I live - the present research aims to understand how the *war* produced subjective and also objective impacts for the young people who experienced this event through this space. Therefore, the paths that lead to war are discussed and how young people not involved relate to the "worlds" present in the peripheries, the meaning of mourning for murdered friends and relatives and the reconstruction of daily life in the midst of conflict.

Key-words: Youth; criminal collectives; Vila Jardim; War; Violence

LISTA DE SIGLAS

CV	Comando Vermelho
BNV	Bala na Cara
DENARC	Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico
DHPP	Departamento Estadual de Homicídios e Proteção à Pessoa
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FDN	Família do Norte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PCC	Primeiro Comando da Capital
PROCEMPA	Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RH	Recursos Humanos
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
VJ	Vila Jardim

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Porto Alegre	29
Figura 2 - Delimitação geográfica da Vila Jardim	34
Figura 3 - Atentado na Vila Jardim	39
Figura 4 - Casas queimadas na Vila Jardim.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. SE UMA LÁGRIMA ROLAR PERDOA TEU IRMÃO!	15
1.1 FIQUEM DENTRO DAS SUAS CASAS QUE A GUERRA COMEÇOU	18
1.2 É OS BALA E TÁ NO CHÃO	22
1.3 É OS ANTI: OU CORRE POR NÓS OU CORRE DE NÓS	26
1.4 O TREM-BALA DA VJ EM DIREÇÃO À GUERRA	32
2. AI QUE SAUDADE DOS AMIGOS MEUS	43
2.1 QUEM SOFRE É GENTE DA NOSSA GENTE	50
2.2 DESSAS FITA TÔ SERENO	51
2.3 GRITARAM TUDO 3, FALEI NÃO SOU DE FACÇÃO	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

“Como se dá a guerra das facções pelo tráfico de drogas em Porto Alegre”¹
Esse foi o título de uma matéria publicada no dia 15 de março de 2019 pelo jornal GZH, um dos mais importantes jornais digitais do estado do Rio Grande do Sul. A matéria tinha como objetivo tentar entender algumas questões que levaram à alteração das dinâmicas do crime na capital nos anos anteriores.

Entretanto, essa não foi a única matéria publicada em jornais digitais e jornais impressos de grande circulação que tinha como intuito abordar as novas dinâmicas do crime na cidade de Porto Alegre, que já há alguns anos havia ficado evidente com o aumento dos índices de criminalidade, especialmente com o aumento e a mudança no perfil dos homicídios, sobretudo nas periferias da cidade.

A partir de 2016 a vida de grande parte dos moradores das periferias foi afetada pela disputa entre coletivos criminais. Essas disputas são antigas na capital do Rio Grande do Sul, entretanto, no ano de 2016, a partir de alianças entre diversos grupos menores de diferentes pontos da cidade, visando fazer frente ao avanço de um coletivo maior, acirra-se a disputa por territórios, mercados consumidores e prestígio, acarretando em uma elevação do índice de homicídios que é reduzido somente em 2018.

A espetacularização da violência ganhava as páginas dos jornais e o horário nobre dos programas de televisão. Tiroteios que duravam longos minutos, decapitações, chacinas, esquartejamentos e assassinatos em locais de grande circulação de pessoas eram formas de demonstração de poder e intimidação. Nas periferias da cidade a rotina dos moradores foi completamente abalada com toques de recolher e o constante clima de insegurança. Grande parte dos integrantes dos coletivos criminais envolvidos nas disputas eram adolescentes e jovens dispostos a defender a sua facção, sua *vila*² e a sua honra.

Desde então, a guerra travada entre coletivos criminais em Porto Alegre foi mobilizada pela literatura das Ciências Sociais em algumas poucas ocasiões. Entretanto, o que se pretende com essa pesquisa não é a compreensão e os desdobramentos da *guerra* em si - ainda que seja necessária a retomada do evento

¹ “Como se dá a guerra das facções pelo tráfico de drogas em Porto Alegre”, Zero Hora, 15 mar. 2019. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/03/como-se-da-a-guerra-das-faccoes-pelo-trafico-de-drogas-em-porto-alegre-cjt8z7v1d03c201ujwemu34t8.html>>.

² Em Porto Alegre as periferias são chamadas de vilas

para o entendimento do aspecto principal da pesquisa – mas a *guerra* na perspectiva dos jovens não envolvidos, moradores do bairro Vila Jardim, na Zona Leste, e de que forma a disputa entre os coletivos, especialmente entre 2016 e 2018, impactou as suas vidas.

É possível perceber em Magalhães (2021) a chamada *guerra* como uma forma de gerenciar a cidade. No caso de Porto Alegre, *guerra*, no contexto particular dos conflitos analisados, é o termo que nomeia um conjunto de práticas violentas observadas especialmente entre os anos de 2016 e 2018, mas cujos resquícios são observados até hoje.

A minha trajetória enquanto jovem e morador da Vila Jardim que presenciou a *guerra* é fundamental para a realização dessa pesquisa. Dessa forma, devido a minha proximidade com o universo pesquisado, essa pesquisa se aproximará das feministas negras, como Grada Kilomba, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Winnie Bueno e as suas reflexões sobre a relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, bem como de algumas noções do feminismo decolonial, na figura de Glória Anzaldúa. Embora essa pesquisa não seja construída como uma escrevivência ou uma autoetnografia, também me inspiro em algumas formulações de escrevivência, de Conceição Evaristo e de autoetnografia, com contribuições de Fabiene Gama. Aliado a isso, essa pesquisa também contará com as experiências de outros jovens moradores da Vila Jardim.

Este TCC está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo evidenciarei a minha relação de proximidade com a pesquisa, que entrelaça a minha presença como pesquisador e também como um jovem morador da Vila Jardim que, assim como tantos outros, sofreu e ainda sofre os diversos impactos desse evento. Além disso, reconstruirei os caminhos que levaram ao advento da *guerra*, percorrendo desde o surgimento dos Bala na Cara como um pequeno grupo de jovens do interior da Vila Bom Jesus, passando pelo seu processo de expansão violenta até a construção de alianças entre diversos grupos para frear esse processo de expansão, e a migração do conflito para outras regiões do Estado a partir de 2018. Para isso, irei me valer de alguns trabalhos que já mobilizaram esse evento, como Cipriani (2019) e Barros (2020), além de matérias de veículos de comunicação.

Na segunda sessão, abordarei a trajetória dos meus interlocutores, marcada por episódios de violência desde a infância e a forma como a violência, causada

pela *guerra*, afetou e direcionou a vida desses jovens. Para isso, irei dialogar com diversos autores que se propõem a refletir sobre violência e periferias, especialmente Gabriel Feltran. Também farei um diálogo entre as minhas experiências e as experiências de meus interlocutores com auxílio de autoras como Venna Das, Judith Butler e Cláudia Fonseca. Com isso, pretendo explicitar o meu interesse em compreender de que forma essa violência gerada pela *guerra* atinge de forma subjetiva esses jovens moradores da Vila Jardim e também me atinge, já que este evento me atravessa não somente como pesquisador, mas também como jovem residente do bairro.

1. SE UMA LÁGRIMA ROLAR PERDOA TEU IRMÃO!

Peguei papel e caneta
E um verso eu fiz
Pra lembrar de tu sorrindo
Me faz feliz
Se uma lágrima rolar
Perdoa teu irmão
Dessa vez pegaram forte minha emoção
Quando a notícia chegou
perguntei como assim
Demorou até um tempo pra ficha cair
(MC Bobô – Chora morador)

É impossível para a realização dessa pesquisa não explicitar a minha relação com a *guerra* enquanto jovem e morador da Vila Jardim. Para isso, o diálogo com as feministas negras e com a teoria decolonial se apresenta de suma importância. Assim como bell Hooks (2020, p.32), em minha vida tornar-me crítico me ajudou – e ainda ajuda – a sobreviver aos traumas vividos.

Nos primeiros anos da guerra, um dos meus irmãos biológicos foi assassinado aos vinte e oito anos de idade. Esse foi apenas mais um episódio da *guerra* entre coletivos criminais que se estendia pela capital e alcançava as cidades vizinhas. Deixando duas filhas pequenas, o motivo do seu assassinato está no fato de que nos últimos anos ele estava *envolvido* com um dos grupos que estavam em conflito. Tempos depois, outro irmão biológico, também aos vinte e oito anos de idade, foi sequestrado por homens armados de dentro da sua residência e nunca mais foi encontrado. Ele também possuía *envolvimento* com um dos grupos dos conflitos na capital. Apesar de não haver nenhuma resposta oficial dos agentes de Segurança Pública para o seu desaparecimento desde o ocorrido, o motivo está bem claro para todos aqueles que conviviam com a *guerra* na porta de sua casa. Sendo assim, com o assassinato dos meus dois irmãos biológicos, me tornei o único dos irmãos consanguíneos³ que não foi assassinado.

Por conta disso, minha relação com a *guerra* vai além do fato de ser somente um dos diversos jovens residentes na Vila Jardim que presenciaram o surgimento do evento nas ruas do bairro, ainda que outros diversos jovens moradores também tenham tido seus familiares assassinados durante a *guerra*. Portanto, em conformidade com Collins (2019), minha posição nessa pesquisa atua no limite entre dois mundos, onde faço um intercâmbio, sem nunca pertencer exclusivamente a um

³ Irmãos consanguíneos são filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes.

dos mundos, ou seja, não há possibilidade dessa pesquisa se concretizar sem a minha presença enquanto pesquisador e nem sem a minha presença enquanto jovem que, de diversas formas, está também inserido no contexto da *guerra*, visto que “a posição de outsider within caracteriza-se pela contradição, uma vez que os indivíduos que ocupam essa posição não estão fixados em um único local social” (BUENO, 2019, p.67).

A escolha das feministas negras para a contribuição teórica e metodológica dessa pesquisa não passa pela minha trajetória enquanto mulher negra, pelo contrário, nossas experiências nesse sentido são completamente opostas, mas parte desse lugar, em que a marca das trajetórias pessoais colidem o tempo todo com a produção acadêmica e com o estar no mundo. “Nesse sentido, uma variedade de indivíduos pode aprender com as experiências das mulheres negras como outsiders within” (COLLINS, 2016, p. 122). Outra contribuição parte do feminismo decolonial e toma de Anzaldúa (2000, p. 230) a noção de que o que nos valida como seres humanos, também nos valida como pensadores. Para Anzaldúa (2000, p. 234), “escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”. Dessa forma, esse trabalho é fruto do processo de luto, de oposição à violência contra vidas humanas e, “se nos opomos à violência contra vidas humanas – ou, na verdade, contra outros seres vivos – presume-se que fazemos isso porque essas vidas são valiosas” (BUTLER, 2021, p.37), e também do enfrentamento de uma realidade que por vezes se mostrou insustentável. Nesse processo algumas perguntas forma sanadas:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. (...) Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Essa relação próxima entre o sujeito e o objeto do conhecimento pode ser bastante questionada em relação a neutralidade da pesquisa. Entretanto, assim como Martins (2004, p. 292), compartilho da ideia de que “no trabalho de pesquisa sociológica, a neutralidade não existe e a objetividade é relativa, diferentemente do que ocorre no positivismo — do qual, aliás, partem muitas das críticas feitas à metodologia qualitativa”. A crítica ao modelo positivista e a ideia de que é possível fazer pesquisa de outra maneira é observada também em Favret-Saada (2005). A

academia não é e nunca foi um lugar neutro. Tomar a ideia de que a academia é um lugar neutro e de que as pesquisas feitas pelos sujeitos à margem que estudam esses objetos atrelados a uma experiência concreta contribuem de uma maneira não científica, segundo Gama (2020, p.3-4), é definir quem pode ou não fazer pesquisa e quais tipos de pesquisas são passíveis de serem validadas e quais não são. Faço os mesmos questionamentos a seguir:

Esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciências estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (KILOMBA, 2019, p. 50)

Deste modo, a academia possui uma imensa dificuldade em saber lidar com os diferentes tipos de saberes e com os sujeitos que carregam esses saberes produzidos longe dos corredores da academia. A neutralidade nesse caso é fantasiosa na medida em que todos os sujeitos trazem consigo um conjunto de experiências, sendo impossível para o pesquisador se dissociar delas enquanto sujeito no momento de sua pesquisa. Portanto, assim como Kilomba (2019, p.58), “demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros”. Posto isso, essa pesquisa se assemelha em certo sentido a pesquisa de Franco (2014) por estar repleta de experiências que se costuram à investigação.

Também me inspiro em algumas noções de autoetnografia, que conforme visto em Gama (2020), busca produzir reflexões através de uma experiência vivida de forma intensa. Ademais, também me aproprio da noção de escrevivência, de Evaristo, no sentido de pensar a vivência como uma possibilidade de refletir a realidade e a partir dessa reflexão trazer novas contribuições. Para Evaristo (2021), a escrevivência não se trata de uma escrita narcisista, e sim de mais uma possibilidade de refletir a realidade, não sendo somente a história de um sujeito, mas as experiências de uma coletividade. Para isso, além de me valer de algumas noções de escrevivência, também irei trazer entrevistas realizadas com jovens do sexo masculino que moram na Vila Jardim. Esses jovens são heterossexuais, possuem entre vinte e dois e vinte e quatro anos atualmente, mas entre os anos de

2016 e 2018 – que foram os anos de maior incidência da guerra – esses jovens possuíam entre dezesseis e dezenove anos. Dos três entrevistados, dois são negros. Minha escolha por jovens do sexo masculino, parte do tipo peculiar de relação desses meninos com o “mundo do crime”, além da possibilidade da construção de um diálogo das experiências deles com as minhas. Assim como Hartmann (2018) pretendo analisar não somente o conteúdo das entrevistas, mas a forma como esses jovens relatam. A proposta de trazer esses interlocutores para a pesquisa também evidencia a importância de “produzir uma documentação que se constitua num ponto de vista alternativo à documentação oficial”. (DEBERT, 2004, p.141).

1.1 FIQUEM DENTRO DAS SUAS CASAS QUE A GUERRA COMEÇOU

Nas paredes as mensagens
Avisando os morador
Fiquem dentro das suas casas
Que a guerra começou
(Mc Smith. Família P.H 1)

No ano de 2016 o município de Porto Alegre viveu uma escalada no número de homicídios. Segundo o Raio-X da violência⁴, a capital passou de 572 casos no ano de 2015 para 735 em 2016. Em comparação ao ano de 2014 o aumento foi ainda maior, passando de 505 para 735, caracterizando um aumento de 45,54% em um período de tempo de apenas dois anos.

Segundo Barros (2020, p.18), a partir da adaptação de dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a taxa de homicídios por 100 mil habitantes em Porto Alegre no ano de 2016 alcançou a marca de 52,9, a quinta posição na lista de capitais mais violentas do país, ficando apenas atrás de Natal (56,4), Rio Branco (60,7), Belém (60,7) e Aracaju (64,5). Conforme Barros (2020, p.18) “Esse cenário de acréscimo exponencial da violência letal também foi identificado nas cidades próximas da capital (RMPA)”.

No entanto, o que levou a esse aumento exponencial na taxa de homicídios? A resposta está na mudança das dinâmicas do crime, sobretudo a partir do ano de

⁴ Ferramenta criada em 2017 a partir de levantamento organizado pela editoria de Segurança da Zero Hora, com dados desde o começo de 2011, contendo a contagem de pessoas que foram mortas em homicídios e latrocínios em Porto Alegre.

2016. As periferias da capital gaúcha estão basicamente sob o domínio de três grupos: Os Bala na Cara, os Antibala e os Mano. O aumento nos casos de homicídios ocorreu especialmente pelo conflito entre os dois primeiros grupos, os Bala na Cara e os Antibala. O terceiro grupo, conhecido como os Manos, o coletivo criminal mais antigo entre os três, “cuja origem, para além da prisão, se assenta na região do Vale dos Sinos” (CIPRIANI, 2019, p.137), optou por permanecer neutro durante boa parte do período mais intenso da *guerra* na capital, entre os anos de 2016 e 2018, embora pendesse para um dos lados em determinados momentos, especialmente movido a interesses econômicos. As novas dinâmicas caracterizaram-se pela constituição de alianças militares entre grupos menores, apoio nas redes do tráfico e a polarização entre dois grupos maiores: os Bala e os Antibala.

Poucos dias após o Ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, anunciar que Porto Alegre seria uma das três cidades piloto do Plano Nacional de Segurança⁵, elaborado pelo Ministério da Justiça em 2016, o então Secretário de Segurança Pública do estado, Cezar Schirmer, declarou: “estamos em uma guerra”.⁶ O objetivo do Plano era investigar e reduzir o número de homicídios na capital, e contaria com o acréscimo de efetivos da Força Nacional de Segurança.

Em agosto, três meses antes da medida tomado pelo Ministro e comemorada pelo Secretário, o antecessor de Schirmer, Wantuir Jancini, pediu exoneração do cargo, motivado pela recente onda de latrocínios e homicídios que estavam acontecendo, especialmente na capital⁷. Após a sua saída, o governador José Ivo Sartori criou um Gabinete de Crise, que seria comandado pelo vice-governador José Paulo Cairoli até a nomeação de um novo secretário.

A crise na segurança pública do estado se agravava ainda mais com o sucateamento das forças policiais. Nos últimos meses de 2016, em entrevista a

⁵ “Sem meta nacional para reduzir mortes, plano de segurança começa por Porto Alegre, Natal e Aracaju”, Zero Hora, 12 nov. 2016. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/11/sem-meta-nacional-para-reduzir-mortes-plano-de-seguranca-comeca-por-porto-alegre-natal-e-aracaju-8263329.html>>.

⁶ “Estamos em uma guerra”, diz Schirmer ao detalhar reforço no combate a homicídios”, Zero Hora, 14 nov.2016. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2016/11/estamos-em-uma-guerra-diz-schirmer-ao-detalhar-reforco-no-combate-a-homicidios-8303447.html>>.

⁷ “Wantuir Jacini pede exoneração de Secretaria da Segurança Pública do RS”, Correio do Povo, 28 ago. 2016. Disponível em <[19](https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/08/secretario-de-seguranca-do-rs-deixa-cargo-apos-mulher-ser-morta-tiros.html#:~:text=O%20secret%C3%A1rio%20da%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica,Zona%20Norte%20de%20Porto%20Alegre.>.>.</p></div><div data-bbox=)

Revista Veja, o professor da PUCRS, Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo, afirmou que a segurança pública do Rio Grande do Sul havia entrado em colapso, e que nem mesmo a chegada da Força Nacional poderia reverter a situação, representando apenas um efeito simbólico, direcionado para opinião pública.⁸ Para Ghiringhelli, as autoridades de segurança “adotaram um discurso conformista”:

“Você ouvia os comandos da Polícia Militar e Civil dizerem que ‘não tinham o que fazer’, ‘que era melhor evitar sair à noite porque as coisas estavam muito complicadas’, ‘que o aumento da criminalidade estava acontecendo em todos os estados’. Um oficial chegou até a dizer numa ocasião que ‘era melhor chamar o Batman’. Todo esse discurso acabou reforçando a sensação de insegurança da população.”

Apesar de pontuais e sem grandes impactos, as forças policiais chegaram a realizar algumas operações de combate à *guerra*, que visavam principalmente desarticular os coletivos através de apreensões de drogas, armas, dinheiro e da prisão de suspeitos⁹. Em 2017 a Polícia Civil bloqueou os bens de um dos *patrões* dos Antibala, avaliados em onze milhões de reais¹⁰. O confronto mais marcante entre as forças de segurança e os traficantes, aconteceu ainda em abril de 2016, nos primeiros meses do conflito. A Polícia Militar suspeitou de um comboio que passava pela Vila Jardim e realizou uma abordagem de rotina, resultando em uma intensa troca de tiros que se estendeu pela Zona Norte e terminou na porta de entrada do Hospital Cristo Redentor, acarretando na morte de quatro traficantes e dois policiais feridos¹¹.

Além disso, as autoridades, após a prisão de alguns dos principais líderes dos coletivos criminais, realizaram as suas transferências para presídios federais, visando dificultar a comunicação entre eles e outros membros dos grupos. De

⁸ Segurança pública do RS entrou em colapso, diz especialista, Veja, 24 set. 2016.

⁹ Polícia faz operação contra facção envolvida em guerra do tráfico no RS, G1, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/06/policia-faz-operacao-contrafacao-envolvida-em-guerra-do-trafico-no-rs.html>.

Denarc faz operação contra o tráfico no Bairro Bom Jesus, Diário Gaúcho, 17 mar. 2016. Disponível em: <http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2016/03/denarc-faz-operacao-contrao-trafico-no-bairro-bom-jesus-5113680.html>.

¹⁰ “Polícia prende suspeitos e bloqueia bens de uma das maiores quadrilhas do Rio Grande do Sul”, G1, 16 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/policia-cumpre-11-mandados-de-prisao-em-operacao-controuma-das-maiores-quadrilhas-do-rio-grande-do-sul.ghtml>.

¹¹ Esse episódio foi amplamente divulgado pelos veículos de comunicação do país, e gerou um importante debate a nível nacional sobre violência policial, visto que as imagens da troca de tiros mostrou que ao chegar na frente do hospital, os policiais executaram os indivíduos já rendidos. “Vídeo mostra confronto entre PMs e criminosos em frente a hospital no RS”, G1, 22 abr. 2016. Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/04/video-mostra-confronto-entre-pms-e-criminosos-em-frente-hospital-no-rs.html>.

imediatamente as ações acarretaram na diminuição dos homicídios, mas depois de algumas semanas surgiram efeitos contrários.¹² Conforme Barros (2020, p.114-115), em julho de 2017, após o prosseguimento das disputas, as forças de segurança pública realizaram a “Operação Pulso Firme”, que transferiu 27 presos para penitenciárias federais em Rondônia, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul. Para Cipriani (2019):

Na prisão, como visto, os antagonismos existentes entre presos e policiais foram relativamente equilibrados, o que resultou na economia para o uso da violência por parte de ambos, provocando a queda tanto de rebeliões e motins, quanto de homicídios cometidos por presos e vitimando outros presos, incluindo-se, aí, ataques entre grupos rivais. Na rua, por sua vez, a situação se desenrolou de forma distinta, na medida em que os antagonismos que entabularam a guerra se expressaram a partir de outro eixo: a dos grupos e *embolamentos*¹³ com seus *contras*¹⁴. Muito embora o papel da polícia tenha enorme relevância nas dinâmicas fora do cárcere, seja por intermédio das mercadorias políticas e aprofundando a sujeição criminal, seja servindo de contraste para a experiência da juventude *envolvida* no crime e compondo suas formas de exercer resistência, o núcleo do conflito, diferentemente do visto com o PCC em São Paulo, não a prioriza. A guerra é travada com os *contras* e não com os policiais – em lugar disso, se manifesta apesar deles e, em muitos momentos, também com eles. (CIPRIANI, 2019, p.264-265)

Portanto, embora os conflitos entre forças de segurança e coletivos criminais tenham existido em diferentes níveis e proporções, me proponho a concentrar minha análise na configuração formada pela interação conflituosa entre os Bala e os Antibala e os efeitos decorrentes disso. Sendo assim, ficará para pesquisas futuras o papel de investigar os desdobramentos e a atuação das forças de segurança nesse conflito.

¹² “Gaúcho preso no Paraguai é responsável por explosão na guerra do tráfico no Rio Grande do Sul”, Zero Hora, 13 jan. 2017. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/01/gaicho-presno-no-paraguai-e-responsavel-por-explosao-na-guerra-do-trafico-no-rio-grande-do-sul-9326350.html>>. “Preso no Paraguai um dos principais líderes da facção dos Bala na Cara”, Zero Hora, 16 ago. 2016. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2016/08/preso-no-paraguai-um-dos-principais-lideres-da-facao-dos-bala-na-cara-7281047.html>>.

¹³ Betina define embolamento “como um conjunto de relações entre sujeitos reunidos em prol do comércio de drogas ilícitas em um determinado território. É um ente que emerge da interação entre os sujeitos embolados, ganha um nome e uma “personalidade” própria, de modo que se torna possível pensar no grupo como uma estrutura social com relativa autonomia e com especificidades que extrapolam o somatório das características individuais dos sujeitos que a integram”. (BARROS, 2020, p.19).

¹⁴ O termo *contra* se refere aos inimigos (facção rival).

1.2 É OS BALA E TÁ NO CHÃO

“Quem são e como funciona a quadrilha dos Bala na cara”¹⁵ foi assim que o Jornal Diário Gaúcho, no dia 02 de Setembro de 2014, dois anos antes da explosão da *guerra* entre os coletivos criminais, apresentou a sua matéria para os leitores. Fruto das ruas da Bom Jesus, os Bala surgem no interior do bairro como um grupo composto majoritariamente por jovens e já na primeira metade dos anos dois mil se consolidam na região.

No Bom Jesus, duas famílias rivalizavam até o surgimento e consolidação dos Bala: Os Bragé e os Miranda. Com o enfraquecimento dessas famílias e o crescimento rápido e violento dos Bala dentro dos limites da Vila Bom Jesus, os Bala não demoraram muito para se estabelecerem como o grupo dominante e a partir do Bom Jesus iniciarem um processo de expansão dos seus domínios para outros locais da cidade.

Entretanto, para compreender o surgimento dos Bala e a trajetória dos diversos grupos criminais de Porto Alegre até o início do que ficou conhecido como a *guerra*, é preciso ir além do enfraquecimento dos Bragé e dos Miranda. Conforme Cipriani (2017, p.13), o primeiro grupo do Rio Grande do Sul foi a Falange Gaúcha, que surge dentro do Presídio Central de Porto Alegre, com influências do Comando Vermelho, criado em 1979, no Rio de Janeiro. O intuito do coletivo, composto por apenas envolvidos em um motim naquele mesmo ano, era o investimento e cooperação nas fugas, e na adoção de um “caixa”, que seria utilizado para investimento nas ações e nas melhorias das condições de vida dentro do sistema penitenciário. A falange Gaúcha era composta majoritariamente por assaltantes e após divergências entre lideranças, acabou rachando, e desse racha surgem outros dois grupos. Em 1996, da ala mais voltado aos assaltos, “foi constituída a facção dos Manos (então comandada por Dilonei Melara, o único membro vivo da Falange Gaúcha), existente e influente até a atualidade em Porto Alegre e no estado como um todo.” (CIPRIANI, 2017, p.14).

A dificuldade que a Brigada Militar (que passa a administrar o presídio em 1995) tinha para dialogar com o grupo recém-formado, fez com que, “tentando enfraquecer o monopólio interno dos Manos, fosse facilitado, pela própria polícia, o

¹⁵ “Quem são e como funciona a quadrilha dos Bala na Cara”, Diário Gaúcho, 02 nov. 2014. Disponível em <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/09/quem-sao-e-como-funciona-a-quadrilha-dos-bala-na-cara-4588651.html>>.

surgimento de um novo grupo, que na época se denominou de ‘Brasas’” (CIPRIANI, 2017, 14). Para a socióloga, entre o fim da década de 90 e a primeira metade dos anos 2000, os grupos se pulverizaram, surgindo os Abertos (que vinham de outras facções), o aparecimento do grupo da Conceição e da Farrapos, além dos Brasas que se tornaram Unidos Pela Paz. Ainda segundo Cipriani (2019):

O processo de constituição dos coletivos resultou de uma mistura entre o surgimento de grupos dentro e fora das prisões, que eventualmente passaram a ter tais dimensões como indissociáveis. Inicialmente, surgiram os grupos prisionais, ainda pouco associados com o tráfico de psicotrópicos e mais próximos dos assaltos, apesar de não vinculados a um perfil delituoso inteiramente homogêneo. Eles tinham interesses mais orientados às galerias dos presídios e pouca ou nenhuma territorialidade urbana. Com a entrada da cocaína e a expansão do comércio de drogas, gangues de bairros das periferias foram estabelecendo-se em torno da atividade, bastante fragmentada, com destaque a *vilas* controladas por um ou outro *patrão*. *Patrões* influentes de *bocas* mais rentáveis passaram a conquistar suas galerias, enquanto os próprios grupos internos ao presídio, que já as possuíam, também começaram a envolver-se com o tráfico. Foi com os grupos mais estruturados, oriundos de fora ou de dentro, bem como mais capazes de diferenciar-se das gangues efêmeras, que ficou grande parte da fatia do mercado do tráfico. (CIPRIANI, 2019, p.147)

Assim sendo, com a chegada da cocaína e o aumento do consumo da droga, é possível notar uma mudança significativa no ordenamento das relações entre os grupos e na perspectiva em relação a obtenção do dinheiro e ocupação dos territórios, tanto dentro do sistema prisional, quanto nas *vilas*, que a partir de então viram no tráfico de drogas a principal fonte de renda para esses grupos que se espalhavam pelas periferias.

Um dos motivos da rápida expansão dos Bala foi a forma como lidam com os seus *contras*. A violência atribuída aos Bala serviu como chave de entrada e impulso para a expansão para outros bairros. O próprio nome já sugere e remete a forma com que eliminam seus opositores. Até o começo da década passada os Bala atuavam como braço armado dos Mano, que tinham como política o não envolvimento direto em conflitos. Atuando como braço armado dos Manos, os Bala ganharam prestígio dentro do “mundo do crime” (FELTRAN, 2008b) transformando-se em poucos anos de um grupo de jovens do interior da Bom Jesus com foco em pequenos roubos em um coletivo criminal em larga ascensão.

O processo de expansão dos Bala na Cara não aconteceu somente nas ruas da cidade, mas também dentro dos presídios do estado, em especial a Cadeia Pública de Porto Alegre, também conhecida como Presídio Central. “A partir de 2008, os presos vinculados aos Bala passaram a gerenciar a sua galeria do Central,

a 3ª galeria do Pavilhão F.” (BARROS, 2020, p.107). Após o rompimento com os Mano, motivado por conflitos internos, os Bala “se estabelecem como um grupo do mercado da droga distinto dos demais em razão de um modo específico de agir.” (BARROS, 2020, p.107). A distinção dos Bala em relação aos Manos não se dá somente no modo específico de agir, amparado na extrema violência. Os Bala como já citado, surgem nas ruas do bairro Bom Jesus, enquanto os Mano emergem de dissidências da Falange Gaúcha, que se constituí na Cadeia Pública de Porto Alegre, sendo o “primeiro grupo da capital, cuja emergência foi acompanhada de incessantes instabilidades como motins, rebeliões e homicídios entre presos” (CIPRIANI, 2019, p.6). Com a obtenção de uma galeria no sistema prisional o processo de expansão dos Bala na Cara, de certa forma, foi facilitado, na medida em que a facção ganha mais autonomia e poder dentro do sistema prisional, lugar onde grande parte dos rumos da facção é tomada.

Esse processo aconteceu de forma completamente diferente da trajetória de expansão de outros grupos, como o PCC, presente em diversos estados do Brasil e com raízes no Estado de São Paulo. Segundo (FELTRAN, 2018) a expansão do PCC possui outro *modus operandi*. Para o sociólogo, o PCC constrói o seu processo de expansão ancorado em uma lógica não violenta, evitando conflitos e buscando regular os mercados e regulamentar os espaços. Enquanto isso os Bala possuem como característica a expansão por meio da violência, com a tomada de territórios através da imposição da força. Essa imposição da força acontece por meio de uma espécie de “anexação forçada”, em que os Bala obrigam que a droga comercializada na *boca*¹⁶ invadida seja fornecida por eles. Em troca, os Bala fornecem ajuda militar e proteção para os integrantes do grupo.

É importante salientar que parte considerável dos conflitos existentes em outros estados conta com a partição do CV e do PCC, as duas principais facções do Brasil. Se referindo aos estados do Rio Grande do Norte, Maranhão, Ceará, Sergipe e Pará e Amazonas, Cipriani (2019, p. 263) enfatiza que o acirramento das disputas nesses locais se deu em virtude da expansão do PCC. Além disso, complementa que:

Embora a *guerra* em Porto Alegre tenha explodido em 2016 – mesmo ano do rompimento entre o coletivo carioca e o paulista – há que se ressaltar que não houve qualquer indício, presente nas entrevistas coletadas, de que ela tenha sido impactada por esse evento. Ainda que a imprensa local

¹⁶ Local onde é feita a venda de drogas

recorrentemente sugira o inverso, os adolescentes apontaram, em algumas circunstâncias, a existência de proximidades entre Bala na Cara e CV, e entre Manos e Antibala e PCC. Todavia, isso não se daria com sua presença física no município ou com a intervenção direta nos territórios dos grupos nativos, mas mediante a existência de relações comerciais entre eles, com eventual compra de mercadoria – armas e drogas. (CIPRIANI, 2019, p.263)

É evidente que “de seu surgimento ao momento da *guerra*, os BNC passaram por um processo de consolidação e expansão considerável” (CIPRIANI, 2019, p. 137). Com a sua consolidação como um dos principais coletivos criminais de Porto Alegre, em pouco tempo os Bala já estavam presente em diversos pontos da cidade e da região metropolitana. Para Cipriani (2019, p.138), a intensificação da expansão violenta pelos Bala na Cara, nos últimos anos, contribuiu para o desequilíbrio das redes de tráfico de drogas na capital, alterando uma dinâmica já estabelecida há algum tempo. A expansão violenta dos Bala passou a representar uma ameaça para todos os outros coletivos criminais da cidade. Sendo assim:

A partir do final de 2015, contudo, começou a se articular uma reação a essa frente expansionista, concentrada tanto em uma localidade fronteira da Bom Jesus, a Vila Jardim, como na região da Cruzeiro. O *embolamento* resultante da união de grupos médios nesses e em outros territórios da cidade se autodenominou Antibala, em referência ao elo que liga todos esses grupos: um inimigo em comum. Como consequência do conflito que se espalhou por toda a cidade, tanto Balas como Antibalas passaram a executar sujeitos do grupo contrário – ou simplesmente, *contras* – por meio do uso da violência extrema. (BARROS, 2020, p.109).

Os Bala possuem uma forma de gerenciar os negócios diferente dos outros coletivos criminais. Enquanto os Mano possuem vários líderes em um mesmo patamar, existindo assim uma distribuição maior do poder, Os Bala possuem uma hierarquização maior, com o poder centralizado na mão de poucos grandes líderes. “Por isso costuma-se dizer que os Manos é um grupo de líderes, enquanto os Bala é um grupo de franquias” (CIPRIANI, 2019, p.164).

A utilização da violência extrema como método de expansão resultou em um considerável crescimento em um curto período de tempo e no ganho de reconhecimento, mas também contou com muitos fatores negativos. Um dos empecilhos encontrado pelos Bala em algumas *bocas* foi a não aceitação da sua presença por parte dos próprios moradores das áreas tomadas, que até então conviviam com a presença de grupos criados dentro da própria *vila* e que contavam com a presença dos *crias*: indivíduos que cresceram pelas ruas da comunidade e em muitas casos possuem laços de amizade e até mesmo familiar entre eles e os

moradores. Além disso, a mesma violência extrema que proporcionou aos Bala notoriedade e resultou na expansão do seu poder, também colecionou desavenças ao longo do seu processo expansionista e a fama de espichados, ou seja, a ideia de que rompiam alguns limites pré-determinados entre os envolvidos no crime.

A representação dos BNC como *espichados* coincidia, então, com a repercussão das práticas comerciais dos *toma bocas*: de acordo com inúmeros integrantes dos Antibala e dos Manos, os Bala chegariam nos outros lugares e expulsariam moradores, não conteriam a *chinelagem* nos bairros territorializados [os roubos e furtos cometidos contra moradores] e abusariam da violência física diante de membros da comunidade (intencionalmente ou como efeito colateral de suas ações desmedidas). (CIPRIANI, 2019, p.149).

Essa ideia de que os Bala rompem limites pré-determinados foi fundamental para que as *bocas* que se sentiam intimidadas com o seu avanço formassem uma aliança militar a partir do ano de 2016, visando frear a expansão violenta dos Bala. A partir dessa aliança militar e de interesses financeiros, a cidade de Porto Alegre, especialmente as áreas das periferias da cidade, presenciou o aumento exponencial dos índices de homicídios e a mudança no perfil dos crimes. A partir do ano de 2016 os Antibala entravam em cena, alterando de vez as dinâmicas do crime na capital e, conseqüentemente, na RMPA. Assim sendo:

Os Antibala, então, davam uma declaração cabal de existência, se colocando como o resultado de um conjunto de alianças estabelecidas entre diferentes agrupamentos. Capitaneados pela V7, cujas articulações com outros grupos vinham sendo feitas há alguns anos, o *embolamento* se alicerçava em duas dimensões complementares: os interesses (territoriais e comerciais) e o discurso de reação às covardias dos Bala na Cara, os *toma bocas*, que não estariam pelo certo. Visavam, concomitantemente, ao enfraquecimento concreto e moral do grupo no crime. (CIPRIANI, 2019, p.135)

1.3 É OS ANTI: OU CORRE POR NÓS OU CORRE DE NÓS

O surgimento dos Antibala aconteceu principalmente através de dois territórios: a Vila Jardim e a Vila Cruzeiro. A partir do estreitamento das relações entre os traficantes da Vila Jardim e os V7, com origem na Vila Cruzeiro, as redes do *crime* ficaram instáveis na cidade. Logo nos primeiros dias do ano de 2016 um homicídio praticado na Vila Jardim serviu como “estopim do conflito”.¹⁷ A partir desse momento uma série de assassinatos foi cometida como forma de retaliação e o aviso estava dado: a *guerra* havia começado.

¹⁷ “Morte de jovem foi o estopim do conflito entre facções na Zona Leste de Porto Alegre, Diário Gaúcho”, 30 jan. 2016. Disponível em <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2016/01/morte-de-jovem-foi-o-estopim-do-conflito-entre-faccoes-na-zona-leste-de-porto-alegre-4963458.html>>.

O jovem de 18 anos assassinado no dia 3 de janeiro era um recado dos traficantes da Vila Jardim para os traficantes do bairro vizinho, o Bom Jesus, bairro de origem da facção dos Bala na Cara. Os traficantes da Vila Jardim até então não estavam em conflito direto com os Bala, mas a morte serviu como declaração de *guerra*. O aviso era claro: apesar de não estarem em conflito, os traficantes sabiam que em algum momento a atenção dos Bala iria se voltar para as *bocas* da vila. No próximo tópico irei me deter em tratar especificamente do caso da Vila Jardim.

Assim como o recado dos traficantes da VJ se fazia claro com a execução do jovem, a resposta também se fez e veio no mesmo dia, através de uma invasão em uma das *bocas* da Vila Jardim. A música de Mc Dodô, compartilhada no perfil do *Facebook* do jovem assassinado, também anunciava que o recado estava dado: “avisa pra esses covarde que a *guerra* começou”. Note que nesse caso o termo “covarde” se assemelha em certo sentido com o termo “*espichado*” usado de forma recorrente para se referir aos Bala, porém é mobilizado para se referir não a uma ação dos Bala, mas uma ação cometida contra os Bala. Nessa altura a Vila Jardim e a Vila Cruzeiro já possuíam acordos que visavam frear a expansão dos Bala através de uma aliança militar, e o assassinato acabou por desencadear de vez a *guerra*. sendo assim:

De modo a criar uma resistência contra o avanço dos Bala, grupos que, até então mantinham sua atuação restrita a um local específico, estreitaram relações para criar uma “quadilha com um objetivo em comum”. Os Antibala, organizados sobretudo a partir da aliança entre os traficantes do bairro Vila Jardim e o grupo oriundo da Vila 27 na Cruzeiro, o V7, passaram ao conhecimento da população da cidade por meio de uma série de ações de extrema violência, como o uso de decapitações e esquartejamentos. (BARROS, 2020, p.111)

Nos meses seguintes os conflitos foram intensificados e as retaliações pelos assassinatos ganhavam contornos cruéis com o surgimento de formas incomuns de matar no estado até então: os esquartejamentos e as carbonizações. “O *contra* virou um inimigo a ser combatido a todo e qualquer custo, um outro desumanizado, que não apenas deveria ser morto mas ter seu corpo humilhado e destruído” (BARROS, 2020, p.114). Fazer frente ao avanço dos Bala e defender interesses econômicos não ficou restrito aos grupos da Vila Jardim e da Vila Cruzeiro.

O fato é que o *embolamento* dos Antibala foi formado por grupos remanescentes da facção dos Conceição, Vila Farrapos e Abertos, a partir do comando dos V7, originários do Bairro Santa Tereza – região da Cruzeiro –, da quadilha vinculada aos Abertos no Bairro Vila Jardim e da quadilha dos Patinho, do Loteamento Timbaúva. Essas três frentes

constituíram “uma espécie de espinha dorsal” do *embolamento*, conforme noticiou o Diário Gaúcho. (BARROS,2020, p.112)

Um dos maiores grupos do que foi chamado por alguns de “Frente-Antibala”¹⁸ vem da Vila Maria da Conceição. Considerada uma das fortalezas do tráfico de drogas em Porto Alegre, a Conceição vinha de um período de disputas, que culminou na derrota do grupo de Paulão, *ex-patrão* do tráfico de drogas na região. A vitória de Colete (antigo aliado de Paulão) contou com a presença de integrantes dos V7, que estavam *embolados* com Colete até então. O agora patrão da Conceição veio a ser assassinado, motivado por conflitos internos, no ano de 2017 por membros do grupo dos V7, até então aliados e uma das engrenagens dos Antibala na *guerra* contra os Bala.¹⁹

Vindos da Cruzeiro, os V7 expandiram seus domínios durante os conflitos e conseguiram se estabelecer de forma hegemônica dentro da sua *vila*. Após a disputa com os Pantanal, saíram vitoriosos e se consolidaram como grande grupo da região, contando com o apoio de outros traficantes da cidade, dentre eles, aliados da Vila Jardim, que estavam sendo apoiados pelos V7 na disputa contra os Bala na Zona Leste. Em uma postagem nas redes sociais, compartilhada pela página *Porto Alegre 24 Horas* no *Facebook*, no começo de 2016, um morador da Vila Cruzeiro relatou que integrantes do grupo da Vila Jardim estariam junto com integrantes dos V7, se preparando para invadir a *boca* dos Pantanal. Estabelecidos de vez na região da Vila Cruzeiro, os V7 começaram um processo de expansão de seus domínios para outros pontos da capital, como a Conceição (CIPRIANI, 2019, p.195). Outros grupos vindos de diversos pontos da cidade também se juntaram aos Antibala. Dentre esses grupos estão grupos menores com raízes na Restinga e em outros pontos do extremo-sul da capital, além de grupos vindos do Loteamento Timbaúva, na Zona Norte e também do Jardim Carvalho, na Vila Ipê, Zona Leste de Porto Alegre. O processo de articulação dos Antibala, que como visto também é constituído por traços de violência, foi demonstrado por Cipriani da seguinte forma:

¹⁸ “Como nasce uma facção: entenda o surgimento dos principais rivais dos ‘Bala na Cara’”, Diário Gaúcho, 09 abr. 2016. Disponível em <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2016/04/como-nasce-uma-facciao-entenda-o-surgimento-dos-principais-rivais-dos-bala-na-cara-5758161.html>>.

¹⁹ “Ponto lucrativo para tráfico e comando dividido: Vila Maria da Conceição tem histórico de disputas violentas”, Zero Hora, 27 jun. 2019. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/06/ponto-lucrativo-para-traffic-e-comando-dividido-vila-maria-da-conceicao-tem-historico-de-disputas-violentas-cjxeyqu1e03eg01o9r78s5odz.html>>.

O *embolamento* Antibala, ao constituir-se, amparou-se amplamente em um discurso que os interlocutores entendem como do campo da *ética do crime*, constituído em torno da defesa do *crime pelo certo*, devendo o *errado ser cobrado*. Esse discurso que, grosso modo, foi utilizado para diferenciar os BNC (e, mais tarde, aqueles que se *embolaram* com ele) de todos os demais grupos, abarcou tanto a ideia de que o caminho de seu crescimento no *crime* foi *covarde*, que “matam errado” e são *espichados*, quanto supôs o novo *embolamento* como o espaço do apoio, da troca recíproca e da paz entre os aliados. Na prática, já foi visto que a situação não se deu exatamente dessa forma: um racha entre a V7 e a Conceição logo dividiu interpretações sobre a legitimidade do homicídio de um *patrão*, trazendo implicações para os demais integrantes e simpatizantes dos Antibala. No âmbito do cometimento de homicídios, a diferenciação entre os grupos também não sustentou o discurso, e inúmeras incursões dos Antibala desdobraram-se em homicídios *pelo errado*, vitimando *moradores* ou *cupinxas*²⁰ que não eram *envolvidos*. Esses efeitos colaterais se deram principalmente como resultado do uso simbólico dos homicídios – para além da lógica de mortes derivadas de *tomadas* ou, então, de execuções dos *jurados*, mas nas dinâmicas dos *atentados*²¹ e, subsidiariamente, das execuções nas *casinhas*. (CIPRIANI, 2019, p.217-218)

Figura 1 - Mapa de Porto Alegre



Fonte: Barros (2020, p. 95)

Além desses grupos citados que se juntaram para frear a expansão violenta dos Bala, de certo modo também está os Manos. Apesar de em um primeiro

²⁰ Cupinxá é o mesmo que amigo, aliado, parceiro.

²¹ Ataques realizados a vilas rivais que tinham como objetivo trocar tiros ou simplesmente colocar medo na população.

momento optarem por se manterem neutros em relação aos conflitos, os Mano visavam a normalização do mercado da droga em Porto Alegre e na RMPA, sendo assim, os interesses expansionistas do Bala eram conflituosos com os seus:

Sem propriamente declarar *guerra* ou se engajar em seus atos declarados, os Manos também eram Antibala. O mesmo se dava com os Abertos, grupo mais antigo e consideravelmente expressivo, que já vinha tendo que defender suas *bocas* dos Bala, na esteira do processo de ampliação de territórios do grupo entre as Zonas Norte e Leste da capital, pelas cercanias da *Bonja*. A *guerra*, portanto, traria transformações perceptíveis à geopolítica do *crime*, aprofundando os processos de apoio, a agregação de alianças e rivalidades, e contribuindo para convertê-los na oposição entre dois grandes blocos: os Bala na Cara e os Antibala.” (CIPRIANI, 2019, p. 154).

Em determinado momento da *guerra*, os conflitos entre os Bala e os Antibala ultrapassaram os limites dos interesses econômicos transformando-se em sucessivas vinganças. Quem estava na linha de frente dos conflitos era na grande maioria jovens do sexo masculino que nutriam um sentimento de raiva dos seus *contras* e buscavam vingar seus *cupinxas* e parentes assassinados, ou então defender as ruas da *vila* em que eram *cria*. Outro motivo que culminou na onda de violência foi a forma como aconteciam as mortes. Para além das formas cruéis de matar como os esquartejamentos e carbonizações, estavam também as gravações dessas mortes e dos *atentados*, que até então não eram comuns no estado. Essas imagens e áudios eram compartilhadas, sobretudo, em grupos de *WhatsApp* e no *Facebook*.

Entretanto, esse fenômeno da extrema violência acontecia em patamares similares em outros estados do Brasil. Segundo Cipriani (2019, p. 191), nas prisões das regiões Norte e Nordeste do país, no mesmo período, o Comando Vermelho e o Primeiro Comando da Capital rompem os laços e dão início a uma série de ações violentas, assim como no período de expansão do PCC nos presídios paulistas. Por sua vez, com contribuições de Paiva (2019), Barros (2020, p. 32) evidencia que no ano de 2014, em Fortaleza, a dinâmica do *crime* também estava sendo alterada e, embora o número de homicídios tenha diminuído, houve a adoção da realização de crimes através do uso da extrema violência. A autora levanta que a possibilidade de pequenos grupos regionais almejem a aliança com grupos nacionais, como a FDN, o CV e o PCC, resultou no surgimento dos Guardiões do Estado, facção que visava fazer frente aos grupos vindos de outros estados.

Segundo Barros (2020, p.117) foi realizada uma operação de “marketing” transformando essa violência extrema em capital econômico. Além dos grupos de *WhatsApp*, os grupos no *Facebook*, compostos por moradores dos bairros e das regiões de Porto Alegre, eram bombardeados de relatos dos próprios moradores, que narravam a *guerra*, cobravam as autoridades da área da Segurança Pública e pediam pelo fim dos confrontos através desses grupos. Destacando-se também como um meio pelo qual os moradores das periferias de Porto Alegre acompanhavam e relatavam a *guerra*, está a página *Porto Alegre 24 Horas*, que atualmente conta com mais de seiscentos mil seguidores no Facebook. Durante os primeiros meses da *guerra*, a página ganhou milhares de seguidores, compartilhando de forma problemática, sem nenhum tipo de filtro, os relatos de moradores, além de fotos, vídeos e também áudios produzidos pelos moradores, mas também em muitas das vezes pelos próprios integrantes dos grupos. Músicas também eram feitas dentro dos presídios e nas ruas.

Em geral, as músicas cantadas nos presídios agregam a chamada aos nomes dos grupos aliados, assim como a listagem de vários dos bairros ou municípios territorializados por eles – como também ocorre naquelas que são feitas na rua – às mensagens de força e resistência. Afinal, a pena “não é eterna, é só questão de tempo”. Assim, enquanto opera para reforçar a solidariedade entre *cupinxas* e demonstrar a força do *embolamento* aos *contras*, para a juventude espalhada pelas periferias – que acessa os vídeos pelo Youtube ou os recebe via WhatsApp – a circulação dessas informações também serve para atualizar as territorialidades do crime. (CIPRIANI, 2019, p. 181)

A partir de 2018 o conflito entre os Bala e os Antibala perde força, adquirindo níveis mais baixos na capital, além de migrar para outras partes do Estado. Do lado dos Antibala as divergências internas e rachas, como no caso dos V7 com a Conceição, e a força dos Bala - que vale lembrar continuou crescendo durante a *guerra* e também fez alianças durante esse período com desavenças dos grupos que passaram a integrar os Antibala -, fez com que os Antibala perdessem parte do fôlego. Do lado dos Bala a questão financeira pesou bastante, além da saturação em relação ao número de mortes dos dois lados e no constante clima de tensão que mudou completamente a rotina tanto dos Bala, quanto dos Antibala. Conforme Barros (2020, p.106), a partir de 2018 é possível notar uma acentuada queda nos homicídios e o conflito se desloca para o interior do estado, centrado na disputa entre os Mano e os Bala na Cara, que acabam se expandindo para além de Porto Alegre e RMPA.

1.4 O TREM-BALA DA VJ EM DIREÇÃO À GUERRA

No dia 06 de Outubro de 2011 os moradores das ruas Doutor Alberto Barbosa, Mirim e Marajó, na região conhecida como Cantão, no bairro Vila Jardim, acordaram com luzes de sirenes e com algumas casas da região sendo invadidas pelo Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico (DENARC), órgão da PC. A matéria trazida pela GZH, logo após a operação, informava que “Traficantes da quadrilha ‘Bala na Cara’ e de uma quadrilha rival liderada por uma detenta do presídio feminino Madre Pelletier iriam se enfrentar neste final de semana”.²² O duelo seria para definir o domínio de um ponto de drogas na Zona Norte de Porto Alegre”. De acordo com a Polícia Civil “foram apreendidas 23 armas - calibres 12, 22, 38, 9mm, 762, 45, duas metralhadoras, entre outras, além de algemas, *notebook*, toucas ninjas, cocaína, crack, maconha, e munições de todos os calibres.”²³

Denominada “Operação Lambada”, a operação só foi possível graças a uma denúncia. Não se sabe ao certo se as informações de que uma possível disputa pelo controle dos pontos de tráfico são verídicas ou não, visto que os traficantes não estiveram envolvidos em nenhuma disputa com os Bala na Cara até o início de 2016. Entretanto, o que se especulava pela Polícia Civil no ano de 2011, acabou se transformando em realidade a partir da criação dos Antibala, cinco anos depois.

Segundo dados²⁴ da PROCEMPA²⁵, a Vila Jardim, localizada na Zona Leste da capital, possui 13,189 habitantes, que representam 0,94% da população total do município de Porto Alegre. A estrutura etária está dividida em 44% de idosos, 19% adultos, 11% jovens, 16% adolescentes e 10% crianças. A área ocupada pelo bairro representa apenas 0,31% da área total da cidade. A Vila Jardim faz fronteira com outros cinco bairros da capital, são eles: Vila Ipiranga²⁶, Jardim Itu-Sabará²⁷, Jardim

²² “Traficantes planejavam confronto armado neste final de semana”, diz delegado, Zero Hora, 06 out. 2011. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2011/10/traficantes-planejavam-confronto-armado-neste-final-de-semana-diz-delegado-3515958.html>>.

²³ “Operação Lambada resulta na prisão de sete pessoas na Capital”, Polícia Civil, 06 out. 2011. Disponível em <<https://www.pc.rs.gov.br/operacao-lambada-resulta-na-prisao-de-sete-pessoas-na-capital>>.

²⁴ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Vila Jardim. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_vila_jardimm.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

²⁵ Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre.

²⁶ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Vila Ipiranga. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_vila_ipiragaa.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

Europa²⁸, Chácara das Pedras²⁹ e Bom Jesus³⁰. A PROCEMPA indica a renda média do bairro sendo R\$925,33. Em comparação com alguns de seus vizinhos, a renda média do bairro está abaixo do bairro Chácara das Pedras (R\$3.565,67) e acima do Bom Jesus (R\$705,50). Em relação aos índices que medem a educação, o bairro possui uma taxa de analfabetismo de 2,20%. Em comparação com alguns de seus vizinhos, a Vila Jardim possui uma taxa de analfabetismo maior que os bairros Chácara da Pedras (0,38%) e Jardim Europa (0,80%), mas possui uma taxa menor que a Bom Jesus (5,18%). Estima-se que entre as crianças de 06 a 14 anos, de 20% a 30% moram em domicílios onde nenhum dos moradores concluiu o ensino fundamental, porcentagem maior do que na Chácara das Pedras (4,07%). Enquanto na Bom Jesus 27,35% das crianças de 06 a 14 anos residem em domicílios onde nenhum dos moradores concluiu o ensino fundamental.

Como se percebe nos dados acima, essa região da cidade é marcada por profundas desigualdades. Em uma ponta da Vila Jardim estão os bairros Chácara das Pedras, considerado um bairro nobre e essencialmente residencial e o bairro Jardim Europa, onde estão localizados os shoppings Iguatemi, Bourbon Country, Viva Open Mall e o Parque Germânia. O Jardim Europa também é considerado um bairro nobre e possui um dos m² mais caros de Porto Alegre. Do outro lado da Vila Jardim, separado apenas pela Avenida Protásio Alves, está a Bom Jesus, berço dos Bala na Cara.

²⁷ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Jardim Sabará: Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_jardim_sabara_oficial.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022. PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Jardim Itú: Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_jardim_itu_oficial.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

²⁸ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Jardim Europa. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_jardim_europa_oficial.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

²⁹ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Chácara das Pedras. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_chacara_das_pedras_oficial.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

³⁰ PROCEMPA – OBSERVAPOA. Bairro Bom Jesus. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_bom_jesus.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

Figura 2 - Delimitação geográfica da Vila Jardim



Fonte: ObservaPoa

Parte das famílias da Vila Jardim, assim como visto por Feltran (2008a) no distrito de Sapopemba, em São Paulo, são oriundas do interior do estado e, atraídas pelo emprego industrial, se estabeleceram na região ainda no final do século XX. Até a criação do shopping Iguatemi, a parte mais próxima ao shopping que hoje contempla as *vilas* do Cantão, da Viela e da Cananéia, era marcada por uma profunda precariedade. Um conjunto de casebres se estendia ao redor do esgoto a céu aberto, formando becos e vielas. Com a criação da Avenida Doutor Nilo Peçanha, que facilita o acesso ao shopping de diversos pontos da cidade, grande parte desses becos e vielas deixou de existir, e a Vila Jardim melhorou significativamente a sua estrutura, não somente na região mais próxima ao Shopping Iguatemi, mas em todo bairro. A vila Jardim é composta por várias *bocas* espalhadas pelo bairro, separadas geograficamente em grande maioria pelas Avenidas Doutor Nilo Peçanha, Avenida Ipê, Avenida Saturnino de Brito e Avenida Circular.

Até o começo da segunda metade da década passada, diversos grupos criminais coexistiam dentro da Vila Jardim. Os conflitos internos sempre existiram, porém, nunca houve uma verdadeira tentativa de nenhum dos grupos de tomar a *boca* do outro. Isso passa pelo fato de que é um bairro pequeno, composto por muitas famílias que possuem parentes espalhados por diversas ruas da comunidade. Sendo assim, uma tomada de *boca* no bairro, ainda que trouxesse

algum ganho financeiro, não seria a melhor das escolhas. Ademais, dentro da *vila* existem poucas escolas e poucos espaços de lazer, como quadras de futebol. Isso faz com que a imensa maioria dos *crias* da VJ se conheça desde criança, visto que acabam frequentando os mesmos espaços ao longo da infância, conhecendo por nome e sobrenome os integrantes dos grupos situados no bairro.

Em um processo que já vinha acontecendo há algum tempo, até mesmo dentro do Central, poucos anos antes da guerra os principais grupos se unem e formam um agrupamento, que passou a se organizar através de uma figura que viria a ser o principal articulador dos Antibala nos primeiros meses da *guerra*.³¹ Dois anos antes disso o grupo dava a sua primeira demonstração de poder, “uma família inteira foi dizimada” (CIPRIANI, 2019, p.136). Naquele ano o grupo recém-formado foi responsável por exterminar um coletivo inteiro de traficantes da Vila Planalto, no Bairro Jardim Itu-Sabará.³² O perfil dos homicídios dava uma demonstração do que viriam a ser na *guerra* alguns anos depois. Dentre as diversas mortes, a ousadia do grupo que se estabelecia com grande força da Vila Jardim³³ chamou atenção naquele momento. Desde execuções dentro do Hospital Cristo Redentor, um dos mais movimentados da capital, até ataques que resultaram em, além de uma morte, uma dezena de feridos. O “trem bala da VJ” como era chamado nas ruas do bairro, passa a adotar o mesmo nome de uma facção com raízes na cidade de Pelotas: os “Taurus”. Apesar do mesmo nome e do grupo de Pelotas ser aliado dos Manos - que vieram a fazer parte dos Antibala - os Taurus da VJ não possuem ligação com os Taurus de Pelotas.

Dois anos depois de dizimar um grupo inteiro da Vila Planalto, os traficantes da Vila Jardim, como já citado anteriormente, vinham criando laços com outros coletivos da capital e adiantam-se em relação ao processo de expansão violenta dos Bala que em algum momento iria ter a Vila Jardim como foco, e acabam executando o jovem de dezoito anos, dando início ao conflito sem precedentes na capital.

³¹ “Polícia ataca bens de facção de traficante Nego Jackson e bloqueia R\$ 11 milhões”, Zero Hora, 16 nov. 2017. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/11/policia-ataca-bens-de-facciao-de-trafficante-nego-jackson-e-bloqueia-r-11-milhoes-cja271b7f04n901o8ph1sec54.html>>.

³² “Tiroteio em quadra de futebol tem relação com morte no Cristo Redentor”, Diário Gaúcho, 11 dez. 2014. Disponível em <<http://diariogauchozh.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/12/tiroteio-em-quadra-de-futebol-tem-relacao-com-morte-no-cristo-redentor-4661522.html>>.

³³ “Tiroteio em quadra de esportes deixa um morto e 10 feridos em Porto Alegre” Zero Hora, 05 dez. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/12/Tiroteio-em-quadra-de-esportes-deixa-um-morto-e-10-feridos-em-Porto-Alegre-4657241.html>>.

Formado os Antibala, “a Vila Jardim foi, sem dúvidas, o lugar mais afetado pelas ofensivas.” (CIPRIANI, 2019, p.134). Um dos motivos que podem explicar por que a Vila Jardim foi a mais afetada é a sua localização geográfica. Fazer fronteira com a Bom Jesus e estar separada apenas pela Avenida Protásio Alves foi um dos grandes responsáveis pelo grande número de invasões e homicídios. Através de dados do último Censo realizado pelo IBGE, fornecendo o número de habitantes de cada bairro e do Raio-X da Violência, plataforma criada pelo criado pelo jornal Zero Hora que fornece dados sobre o número de homicídios em Porto Alegre, tomei como referência o índice de homicídios por 100.000 habitantes.

Entre os anos de 2016 e 2017 a Vila Jardim registrou uma média de 359,88 homicídios. Tomei como base também os dados de outros três bairros de Porto Alegre que nesse mesmo período também estavam envolvidos na *guerra*. O Rubem Berta na Zona Norte registrou média de 176,26 homicídios, contra 136,67 da Restinga na Zona Sul, enquanto o bairro Mario Quintana registrou 222,91. Vale ressaltar que nos dados fornecidos pelo Raio-X da Violência aconteceram dois homicídios na Rua Doutor Alberto Barbosa, na Vila Jardim, divisa com o bairro Vila Ipiranga, que não foram somados aos homicídios da Vila Jardim como outros homicídios que aconteceram na mesma rua, mas aos homicídios do bairro vizinho. O acréscimo desses homicídios aos dados da Vila Jardim iria elevar ainda mais o resultado. Além disso, um dos bairros vizinhos da Vila Jardim, o Jardim Itu-Sabará, até o ano de 2014 tinha a maioria dos seus homicídios registrados no lado oposto ao bairro Vila Jardim e, entre os anos de 2016 e 2017, a maioria dos 37 registros de homicídios no bairro vizinho nesse período aconteceram nas ruas próximas da região do Valão, na Vila Jardim. A partir de 2018 a distribuição dos homicídios no bairro Jardim Itu-Sabará retorna aos padrões observados nos anos anteriores à *guerra*, registrando apenas um homicídio perto da vila Jardim no ano de 2018 e nenhum no ano de 2019.

Tomei como referência também o índice de homicídios por 100.000 habitantes em outros lugares do Brasil, que são socialmente considerados lugares violentos. Para os índices da Vila Jardim utilizei os mesmos dados da comparação anterior: o Censo para o número de habitantes e o Raio-X da Violência para o número de homicídios. As duas primeiras comparações são com dois bairros da cidade de São Paulo, o Capão Redondo e a Brasilândia. Os dados do Capão Redondo e da Brasilândia foram obtidos da Rede Social Brasileira Por Cidades

Justas e Sustentáveis³⁴, que possui uma gama de dados sobre a cidade de São Paulo. No ano de 2016 o Capão Redondo registrou média de 16,05 homicídios, a Brasilândia 17,05, e enquanto isso a Vila Jardim registrou 281,64. A terceira e última comparação é com o bairro Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, que no ano de 2016 registrou o maior número de homicídios desde 2008, segundo o G1, portal de notícias do Grupo Globo.³⁵ Os dados da Cidade de Deus foram obtidos do Instituto de Segurança Pública do Rio. Enquanto a Cidade de Deus, no ano com maior número de homicídios desde 2008, registrou 271,12 casos, a Vila Jardim, conforme levantado anteriormente, registrou 281,64 casos. Em relato ao *Porto Alegre 24 Horas*, um morador da Vila Jardim denuncia a situação:

“Gostaria de informar aos amigos que agora pela manhã mais duas mortes na Vila Jardim... Mais de 60 tiros em plena luz do dia na Rua Veiga Cabral com Itapema... Ruas que já são consideradas verdadeiros corredores da morte, pois nas Ruas Itapema, Prazeres e Veiga Cabral já somam-se 19 mortes desde Janeiro e nós moradores assistindo tudo isso sem o mínimo de ação do Poder Público e Policiais... Por aqui faz tempo que não enxergamos uma viatura da Brigada. Muito menos da Força Nacional... Abraço!!!” (Porto Alegre 24 Horas, 12 nov. 2016)³⁶

É importante notar que a Brasilândia e o Capão Redondo figuram nas listas dos bairros que mais possuem homicídios na cidade de São Paulo, entretanto não chegam nem perto do número de casos da Vila Jardim. De acordo com Feltran (2010a) a ascensão do “mundo do crime” à posição de instância normativa, especialmente nas áreas em que os *irmãos*³⁷ estão presentes, e a implementação dos *tribunais*³⁸ pelo PCC, que tem como objetivo “regulamentar o crime”, são indicativos do baixo número de homicídios nesses bairros de São Paulo em comparação com a Cidade de Deus, onde o CV está presente e a Vila Jardim, em Porto Alegre, onde os Bala e os Antibala disputam o controle das *bocas*. A regulação do mercado de drogas pelo PCC na cidade de São Paulo também é um dos fatores.

³⁴ Rede Social Brasileira Por Cidades Justas e Sustentáveis. Número de óbitos por homicídio, por 100 mil habitantes: Capão Redondo. Disponível em: <https://www.redesocialdecidades.org.br/br/SP/sao-paulo/regiao/+capao-redondo/homicidios>. Acesso em: 05 abr. 2022. Rede Social Brasileira Por Cidades Justas e Sustentáveis. Número de óbitos por homicídio, por 100 mil habitantes: Brasilândia. Disponível em: <https://www.redesocialdecidades.org.br/br/SP/saopaulo/regiao/+brasilandia/homicidios>. Acesso em: 05 abr. 2022.

³⁵ “Cidade de Deus tem uma morte violenta a cada 4 dias desde 2015”, G1, 02 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/nos-ultimos-3-anos-a-cada-4-dias-uma-pessoa-e-morta-de-forma-violenta-na-cidade-de-deus.ghtml>.

³⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/portoalegre24horas/photos/a.1021869937934581/1129854637136110/>

³⁷ Membros batizados do PCC.

³⁸ Tribunais do Crime, segundo Feltran (2010a), são formas de julgamento instituídas pelo PCC, ascendido à posição de Instância Normativa, assim como a justiça comum.

Como já visto, uma das características da *guerra* foi o surgimento de novas formas de matar, amparadas no uso da violência extrema. Segundo Barros, somente “no ano de 2016, foram contabilizadas 16 mortes com uso de decapitações na Região Metropolitana, eventos ocorridos, sobretudo, no segundo semestre do ano e com causa atribuída ao conflito entre as facções” (2020, p.134). Parte desses casos ocorreu justamente na Vila Jardim. Em um dos casos, na região do Cantão, a delegada da 5ª DHPP informa que o corpo tinha inscrito nas costas “Antibala, um abraço dos Bala”.³⁹ Em um segundo episódio, o jornal Correio do Povo relata:

Duas cabeças de homens foram encontradas na madrugada desta quinta-feira na rua Doutor Veiga Cabral, no bairro Vila Jardim, na zona Norte de Porto Alegre. De acordo com a Brigada Militar (BM), moradores da região comunicaram os policiais militares. As vítimas não foram identificadas. Para a Polícia Civil, as cabeças foram desovadas na região por algum motivo, que ainda não está claro. A suspeita número um é de que o duplo assassinato tenha relação com a disputa entre traficantes que atuam na zona Norte da Capital. Até o momento, não há informações sobre a autoria do crime.⁴⁰

Ao longo da *guerra*, as várias investidas militares dos Bala na Cara na Vila Jardim transformaram o pequeno bairro da Zona Leste em um verdadeiro campo de batalha na capital gaúcha. Nas paredes das *bocas*, mensagens eram feitas com tintas, deixando recados para o grupo rival, além de também homenagear os mortos do grupo nos conflitos. As escolas do bairro presenciavam momentos de tensão, diante das frequentes ameaças de invasão. Em um dos frequentes relatos nas redes sociais, um morador do bairro tem sua mensagem compartilhada na página *Porto Alegre 24 Horas*:

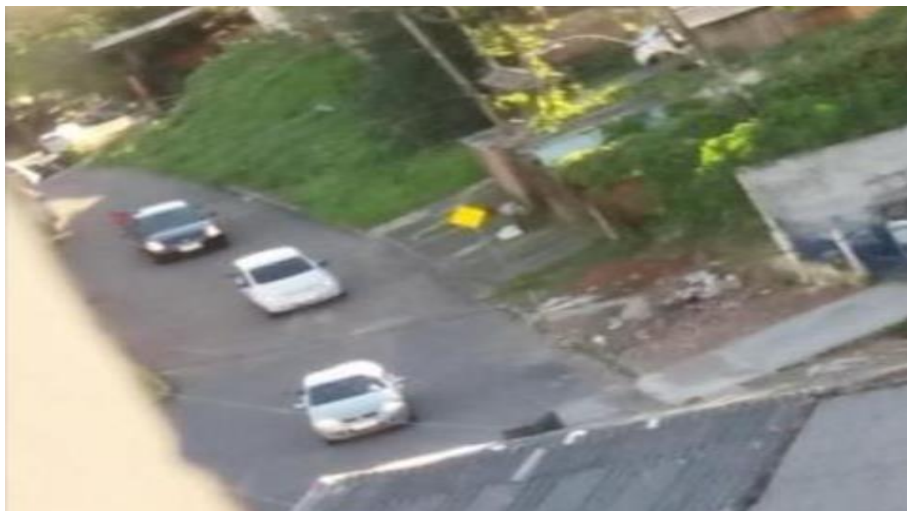
“NÃO ME IDENTIFIQUE. Estão passando aqui na Vila Jardim dando toque de recolher. Avisando que não é para ficar ninguém nas ruas e bares, porque irão tirotear tudo e todos. Em punição pelas armas perdidas no dia em que os bala iriam dominar o Cantão. E foram denunciados pela população local. Nós moradores não aguentamos mais essa situação de medo e angústia. Estão ameaçando colocar fogo nas casas também. Tomem cuidado!!!!” (Porto Alegre 24 Horas, 14 nov. 2016)⁴¹

³⁹ “Corpo esquartejado é encontrado na Zona Norte de Porto Alegre”, G1, 26 set. 2016. Disponível em <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/09/corpo-esquartejado-e-encontrado-na-zona-norte-de-porto-alegre.html>>.

⁴⁰ “Duas cabeças de homens são encontradas em bairro de Porto Alegre”, Correio do Povo, 22 dez. 2016. Disponível em <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/duas-cabe%C3%A7as-de-homens-s%C3%A3o-encontradas-em-bairro-de-porto-alegre-1.219926.>>>.

⁴¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/portoalegre24horas/photos/a.1021869937934581/1132627883525452/>>.

Figura 3 - Atentado na Vila Jardim



Fonte: Diário Gaúcho - Divulgação/ Polícia Civil

De dentro dos presídios do estado e das ruas das *vilas*, os grupos compartilhavam fotos e vídeos que comemoravam e selavam as novas alianças. Em um desses vídeos que circulam pela internet, um membro dos V7 canta uma música que exalta a aliança formada com os Tauras da Vila Jardim e ameaça os Bala:

Dei um toque nos Tauras
E fechei com a VJ
Atentando lá na Bonja
É isso que o bonde gosta
Se entrar na V7
Vocês vão tomar rajada
Desde que eu nasci
Tá no meu sangue Antibala

Cipriani (2019, p.181) diz que “a relevância dessa produção se assenta no fato de que, alcançando uma gama de atores, ela poderá passar a compor o conjunto de regras sociais que se tornam presentes ao serem incorporadas em suas subjetividades, bem como quando instanciadas em suas práticas”. Em outro vídeo, gravado dentro de uma das galerias do presídio Central, diversos membros dos Antibala, em clima de festa, cantam:

Vila Jardim nossa casa
Caverna [grupo da VJ] é a facção
Cria do Beco da Paz [boca da VJ]
Cria também do Valão [boca da VJ]
Avisa pros vacilão
Que nossa firma só cresce
E já juntou várias família

Aqui de Porto Alegre

A *guerra* na vila Jardim alterou completamente a rotina dos moradores durante os conflitos. O comércio do bairro precisou alterar seus horários de funcionamento, os trabalhadores ficavam inseguros em fazer o trajeto de ida e volta dos seus trabalhos, as crianças e adolescentes não circulavam mais pelas ruas, casas eram abandonadas pelos moradores que iam morar com amigos e familiares, e os constantes conflitos impactavam a vida da população das mais diversas formas. Em um dos diversos casos de invasão na região do Cantão, ao lado do Parque Germânia, a Central de Segurança do bairro Jardim Europa, que possui uma segurança privada, emitiu a seguinte nota para os moradores do bairro:

“Bom dia. A Central de Segurança do bairro solicita que os moradores evitem circular no parque e arredores, pois a Vila Jardim foi invadida hoje pela manhã, pelos Bala na Cara e a polícia está na região” (Porto Alegre 24 Horas 24 out. 2016)⁴²

Assim como a imensa maioria dos acontecimentos da *guerra* em toda a cidade, essa mesma situação foi narrada por um seguidor da página Porto Alegre 24 Horas que compartilhou o seguinte relato sobre o ocorrido:

“Maiores informações sobre o tiroteio na Bom Jesus noite passada... tudo começou na Vila Mirim atrás do Parque Germânia, em uma tentativa de tomada da vila pelos Bala na Cara... a facção do local reagiu e os grupos saíram em confronto, passaram pela Vila Jardim e Chácara das Pedras... se encontraram uma quadra abaixo da protásio entre Santa Isabel e São Benedito, onde um dos grupos em um carro foi cercado pelas motos numa rua sem saída... o tiroteio foi grande... postes e muros dos moradores do local foram atingidos, mas graças a deus nenhum inocente foi ferido... mas os vagos...” (Porto Alegre 24 Horas 24 out. 2016)⁴³

Nos relatos dos moradores durante a *guerra*, a distinção que esses fazem entre eles e os membros dos grupos é percebida na maioria dos relatos: “nós moradores não aguentamos mais”, “moradores evitem de circular” “nós moradores assistindo tudo isso”. Isso parte, em certo sentido, da distinção entre “trabalhadores” e “bandidos” que Zaluar (1985) aponta estar ligada diretamente com a ética do trabalho, onde o trabalhador – nesse caso se estendendo a figura do morador – se distancia da figura do bandido através de uma suposta “moral” inerente ao trabalhador e provedor de sua família. “Nós moradores” chega a ser contraditório,

42

Disponível

em

<<https://www.facebook.com/portoalegre24horas/photos/a.1021869937934581/1106205496167691/>>

43

Disponível

em

<<https://www.facebook.com/portoalegre24horas/photos/a.1021869937934581/1106086926179548/>>

pois a grande maioria dos membros desses grupos é vizinha dessas pessoas, sobretudo dos *crias*, que nasceram e cresceram naquele mesmo local.

Entretanto, de fato, a presença de pedaços de corpos jogados pelas calçadas e muros cravejados de bala, casas incendiadas e as ameaças, se apresentam realmente de forma insustentáveis para a população de um bairro que até pouco tempo convivia apenas com pequenos conflitos locais. Essa relação entre “trabalhadores” e “bandidos” já observada por Zaluar (1985) se torna ainda mais curiosa quando esses membros de determinado grupo, são renegados da condição de “morador” pelos seus próprios vizinhos durante a *guerra*, mas ao mesmo tempo, conforme observado por Lyra (2013), se veem como defensores da sua comunidade, que constrói junto aos *cria* durante toda a sua vida uma relação de pertencimento muito grande. “Os moradores os consideram como o vingador de seu povo, do seu pedaço, e o defensor da inviolabilidade do território que ocupam.” (ZALUAR, 1985, p. 138). Em uma das conversas que tive com um dos jovens moradores da Vila Jardim, me foi relatado:

- Tu nunca sabe quando alguém de fora da vila possa aparecer. Tu sabe que o teu vizinho que é *envolvido* tem um respeito por tu morar ali, não se meter no trabalho dele, mas esse mesmo respeito um de fora não vai ter e vai tá pouco se cagando que tem mulher e criança na rua, eles vão meter bala. Eles não têm respeito por ninguém, passou e olhou meio torto... eles não têm respeito nem por eles mesmos. Vai do cara respeitar e nunca olhar torto, o cara só quer o bem da família. (Fábio)

Figura 4 - Casas queimadas na Vila Jardim



Fonte: Zero Hora – Marcelo Kervalt/ Agência RBS

Incontestavelmente a partir do ano de 2016 não somente a vida dos envolvidos com os grupos criminosos mudou, mas a rotina e as relações sociais de todos os moradores do bairro foram alteradas. O pequeno bairro entre a Zona Norte e a Zona Leste, que ocupa somente 0,31% da área do município de Porto Alegre, passou a registrar grande parte de todos os homicídios registrados na cidade. A rotina dos moradores foi completamente modificada, sobretudo dos jovens, que tiveram que se constituir enquanto sujeitos em meio a lógica de “Aqui nós vive a realidade, onde a bala come e a lei é do cão”, “Hoje tu tá vivo, amanhã tu pode não tá vivo” (ATHAYDE e BILL, 2006).

2. AI QUE SAUDADE DOS AMIGOS MEUS

Eu me pego aqui sozinho lembrando do passado
A gente era amigo, sempre lado a lado
Nas horas mais difíceis a gente estava junto
Molecagem, traquinagem já fizemos muito
Sempre as nossas brincadeiras e nossos rolê
Não sai da minha mente aonde está você
De repente, meu amigo, você mudou
Da brincadeira de criança você se cansou
Você mudou a sua vida da água pro vinho
Era só um moleque agora é um bandido
A brincadeira predileta é fugir da polícia
Roubar a vizinhança e cheirar cocaína
(Tottô e Cabeça – Lembranças)

Como já levantado anteriormente, durante a coleta dos dados, o meu método precisou ser alterado. Para fazer parte da pesquisa, entrei em contato com quatro jovens moradores da Vila Jardim. Eles cresceram junto a mim pelos ambientes do bairro, como escolas e praças. A minha proximidade com os interlocutores da pesquisa se mostrou um empecilho para que as entrevistas acontecessem da maneira como tinha proposto anteriormente, pois os interlocutores não estavam acostumados a terem esse tipo de contato formal comigo. Dos quatro jovens que entrei em contato para serem meus interlocutores na pesquisa, três aceitaram e um recusou.

A recusa de um dos jovens me chamou atenção. A sua recusa não partia da negação da pesquisa, mas da “lei do silêncio”. Diante disso, de acordo com Das (2020), esse silêncio não se caracteriza pela ausência das palavras, mas como um tipo particular de linguagem, que havia muito a dizer. Dos quatro convidados, ele é o que possui maior acesso aos acontecimentos no bairro, pois possui uma rede de contatos muito ampla. O motivo da sua recusa foi a insegurança em fazer parte da pesquisa. Estávamos caminhando pela Vila Jardim, voltando de uma partida de futebol, quando realizei o convite para ele. Expliquei do que se tratava e como iria proceder, mas a sua recusa veio de imediato. Mostrou-se extremamente desconfiado e disse que isso poderia gerar problemas para todos nós, pois poderia ser visto como uma delação. Um dos questionamentos dele me chamou atenção:

“Não vai precisar dar a *cena*⁴⁴ de ninguém, né?” Respondi que não se tratava de tomar partido ou “*dar a cena*” de alguém, mas mesmo assim o convite não foi aceito.

De acordo com Das (2020), o conhecimento que eu e meus interlocutores possuímos é entendido como um “conhecimento venenoso”, que seria uma forma de conhecimento que é absorvida somente pela experiência prática do sofrimento. Esse “conhecimento venoso” e a posição em relação ao comentar sobre a *guerra* é explicada pelo constante clima de tensão e pela existência de fronteiras muito bem delimitadas sobre o que pode ou não ser dito e o que pode ou não ser feito pelos moradores das *vilas* em que os coletivos criminais estão presentes. Ultrapassar essa fronteira pode ser considerado um caminho sem volta, e faz com que os moradores optem pelo silêncio. A mesma lógica atua no caso das reportagens que são feitas quando acontece algum caso de violência ou operação policial nos territórios controlados pelos grupos. Entretanto, a recusa em participar da pesquisa se torna contraditória no momento em que boa parte das conversas cotidianas entre os jovens das periferias gira em torno da questão da violência. Percebi então que realizar a entrevista no formato que estava me propondo a fazer, não daria conta de contemplar a proximidade que eu possuo com os meus interlocutores. Para Machado da Silva (2008):

Não importa o quanto cresça a desconfiança nas favelas, é evidente que muitos moradores sempre confiarão uns aos outros. Este fato, porém, não impede que certos temas e acontecimentos sejam proibidos nas conversas entre eles, devido ao controle violento e muito próximo a que está submetido a sociabilidade nessas localidades. (MACHADO DA SILVA, 2008, p.29)

Portanto, a violência como modo de regulação das relações sociais, entendida por Machado da Silva (2004) como “sociabilidade violenta”, acaba por gerar nos jovens das *vilas* um cálculo que é feito a todo instante sobre como agir, o que falar, com quem falar, e em que situação falar, visando sempre a preservação da sua integridade física e moral. Dessa maneira, a realização das entrevistas como forma de documentar o que eles falam, pode ser calculada como uma atitude que possa vir a gerar consequências.

Somente a primeira entrevista foi realizada com a presença de um gravador de voz, as demais foram realizadas em conversas informais, onde, em decorrência do nível de proximidade, optei por partir de questões mais gerais e na medida do

⁴⁴ Dar a cena nesse caso significa informar, podendo ser interpretado como dedo-duro, fofoqueiro X-9, alguém que delata.

possível fui guiando-a para questões que considerava mais pertinentes. Nesse caso, somente uma das entrevistas foi transcrita, as demais foram anotações que realizei após o encerramento dos encontros.

O primeiro entrevistado foi Fábio, jovem negro de 24 anos. No dia e no horário combinado me dirigi até a frente da sua casa para irmos juntos até o parque Germânia – onde, aliás, todas as três entrevistas foram realizadas. Fábio havia chegado do trabalho poucas horas antes e no trajeto até a praça fomos conversando sobre futebol e também sobre o seguro-desemprego que Fábio estava recebendo ao mesmo tempo em que fazia alguns “bicos”⁴⁵ de segurança. Chegando ao local, onde há diversos bancos e mesas que pouco são utilizadas e não há quase nenhuma circulação de pessoas, começamos a entrevista. A presença do gravador chamou atenção de Fábio, que brincando perguntou quanto eu iria cobrar para entregar a gravação para a facção rival da *vila*. Começamos a rir, mas a partir daquele momento já comecei a perceber que o uso do gravador iria ser um empecilho para o que eu estava me propondo a fazer. Ao encerrar a entrevista, e já com o gravador desligado, acompanhei Fábio até o banheiro, de onde depois retornaríamos para casa. No trajeto até o banheiro, Fábio retornou aos assuntos da entrevista, e começou a comentar sobre questões que não apareceram naquele momento. No trajeto até em casa percebi que a minha contribuição maior com essa pesquisa se dá justamente pela minha relação com os meus interlocutores, e a presença de um gravador de voz iria me afastar desse lugar de proximidade. Nesse caso, a mesma proximidade que proporciona privilégios (MACHADO DA SILVA, 2008), tende a produzir barreiras se o indivíduo dissociar a sua posição de pesquisador da sua relação de intimidade, ainda mais quando os dois estão inseridos dentro de uma lógica de “sociabilidade violenta”, em que qualquer “deslize” pode acarretar em punições. Chegando em casa anotei os comentários que Fábio havia feito no trajeto até o banheiro.

A segunda entrevista foi realizada com Kauã, jovem negro de 23 anos. No dia da entrevista, dessa vez sem o gravador, fui ao encontro de Kauã. Chamo pelo nome dele e logo ele aparece na porta de casa, com a camisa no ombro, de chinelo, calção abaixo dos joelhos e com as chuteiras na mão. Ao me ver ele pergunta se depois da “*mão*”⁴⁶ que iríamos fazer se eu não “*pillhava*”⁴⁷ de jogar futebol com os

⁴⁵ Bico pode ser entendido como a realização de um trabalho extra, sem vínculo formal.

⁴⁶ O termo mão pode ser entendido como um compromisso, uma atividade.

*guri*⁴⁸ da rua de cima, que estavam se preparando para descer a *vila* e ir jogar futebol no parque. Recuso o convite e digo que logo após a entrevista teria outro compromisso, não entrei em maiores detalhes sobre que compromisso seria esse, mas, afinal de contas, como não havia gravador, eu precisava retornar logo para a casa, para fazer anotações. Durante nossa conversa o telefone de Kauã toca, era um de seus amigos da Lomba do Pinheiro⁴⁹ convidando ele para jogar futebol no novo trecho da Orla do Guaíba, em Porto Alegre. Kauã aceitou e daquele momento até o encerramento da nossa conversa notei que havia ficado mais disperso, olhando para o celular o tempo inteiro, a fim de ir logo para casa se vestir e ir ao encontro do amigo que havia feito o convite.

A última entrevista foi realizada com Leonardo, jovem de 22 anos. Dessa vez foi diferente, Leonardo quem veio até a minha presença. Combinamos no dia anterior que ele iria passar em minha casa para irmos até o local onde combinamos de conversar. Por volta de uma hora da tarde Leonardo aparece em minha casa. Ele também estava com uma camisa no ombro e com um boné que tampava a maior parte do seu rosto. Além disso, carregava um skate em baixo do braço esquerdo e um cigarro na orelha. Antes de irmos pediu para nós passarmos no minimercado localizado no caminho para o parque, pois precisava comprar mais cigarros. Chegando, o dono do local comentou comigo sobre a morte do meu avô, que havia ocorrido poucos dias antes. Leonardo e eu então fomos embora e continuamos a conversar sobre o falecimento de meu avô, que aconteceu cinco meses depois do falecimento de minha avó, com quem foi casado durante sessenta anos. Havíamos também comprado um refrigerante para bebermos durante a entrevista. A conversa sobre o falecimento dos meus avós fez com que Leonardo também perguntasse sobre o desaparecimento do meu irmão, que estava completando cinco meses. Respondi que não havia mais notícias. Leonardo lamentou e comentou que a polícia tinha entrado no seu pátio há alguns dias, atrás de drogas, pois do lado da sua casa haviam criado um novo ponto de venda de drogas que foi desarticulado pela polícia naquele dia. Rindo, comenta que deu sorte da polícia não ter entrado dentro da casa, pois é usuário de maconha e havia comprado em quantidade há pouco tempo.

⁴⁷ O termo *pilhava* pode ser entendido como um convite, uma concordância em relação a atividade.

⁴⁸ O termo *guri* é muito utilizado não somente nas vilas de Porto Alegre, mas em todo Rio Grande do Sul, e significa o mesmo que menino.

⁴⁹ Lomba do Pinheiro é um bairro da Zona Leste de Porto Alegre, que também foi impactado pelos conflitos entre os coletivos criminais.

Chegamos ao local da entrevista e antes mesmo de começarmos, fomos interrompidos por outros dois conhecidos que moram em outras partes da *Vila*. Eles estavam com um cigarro de maconha e pediram o isqueiro de Leonardo para acender, pois estavam sem. Leonardo e eu nos sentimos incomodados, pois quem faz a segurança nos arredores do parque é a segurança privada do parque, e diversas vezes já agrediram os jovens que vão até lá para consumirem drogas. Decidimos levantar e ir para outro ponto do parque, onde não havia ninguém. Durante a nossa conversa aconteceram diversos momentos de descontração e logo após o encerramento combinamos de ir juntos à noite para a Orla do Guaíba. Acabamos não indo.

Em todas as conversas a presença do luto estava presente. De acordo com Butler (2020a), é só através do público, ou seja, através do reconhecimento dos outros, que conseguimos existir enquanto sujeitos, logo, se eu não reconheço aquele corpo enquanto sujeito, sua morte logo é legitimada. Embora eu também dependa do reconhecimento dele para existir, através da produção de arranjos e justificativas, aquela morte se torna legítima. Sendo assim, o luto é quem faz com que uma vida seja reconhecida enquanto tal, e nesse caso, o luto pelos jovens *envolvidos* que foram mortos (que não são vidas passíveis de luto para a maioria das pessoas), acaba também sendo um ato de resistência, reconhecendo aqueles corpos enquanto vida através do luto por eles gerado.

O impacto da morte dos garotos que cresceram juntos pelas ruas do bairro e foram assassinados é presente nas falas dos interlocutores, que fazem questão de lembrar desses meninos. Os jovens *não envolvidos* costumam atribuir as lembranças com os jovens *envolvidos* a momentos de socialização na infância, como partidas de futebol. Quando estava conversando com Leonardo, ele interrompeu o assunto que estávamos discutindo e me questionou se eu já sabia que Yuri, um dos garotos do bairro, havia sido assassinado dias antes em uma *vila* da Zona Norte. Respondo que sim e Leonardo começa a relembrar do tempo em que eles jogavam futebol juntos em um projeto que existia em uma das escolas do bairro. Da mesma forma, Fábio relembra que todos os finais de semana jogava futebol junto com a maioria dos jovens que foram assassinados nos últimos anos. Em outra de suas falas, Fábio comenta:

- Quando o cara ia ver eles já tavam *envolvido afu*. [...] afeta o emocional, quando tu vai vê, para e pensa e os cara já não tão mais presente e tu fica

pensando que, bah, é mais uma vida perdida e essa vida ai não vai passar de mais um dado pro Estado, né, e uma vida é uma vida, né. (Fábio)

Dessa maneira, indo de encontro a Butler (2020b), a fala de Fábio também remete a uma desumanização em relação a esses corpos, que acabam se tornando “corpos matáveis” que, conforme Butler (2020a, p.13), “parte de um enquadramento seletivo e diferenciado da violência”. Dessa forma, “quando lemos a respeito de vidas perdidas com frequência nos são dados números, mas essas histórias se repetem todos os dias, e a repetição parece interminável, irremediável” (BUTLER, 2020a, p.29)

Entretanto, é perceptível a distinção que é feita entre o valor da vida desse indivíduo quando ele é somente mais um dos meninos do bairro e quando ele é um jovem que possui *envolvimento*. É como se ao se tornarem *envolvidos*, os direitos desses indivíduos fossem retirados e o seu destino fosse entregue a própria sorte. Nesse sentido, é como se os jovens envolvidos fossem direcionados ainda mais a posição de *Homo Sacer*⁵⁰ (Agambem, 2010), pelos próprios jovens que até então dividem trajetórias similares construídas em espaços similares. Bastante presente na fala dos interlocutores também está a ideia de “avisar” e de se opor ao *envolvimento* por parte de seus amigos. Segundo Feltran (2008b), esse discurso pode ser entendido como a disputa entre dois mundos, o mundo do “trabalhador” e o “mundo do crime”, que dentro das periferias disputam lado a lado a legitimidade. “As fronteiras do ‘mundo do crime’ passam a ser, nessa medida, espaços de disputa pelos sentidos do que é legítimo social e publicamente, e assim eles passam a interferir nas estratégias de gestão de territórios e populações, especialmente nas periferias urbanas” (FELTRAN, 2008b, p.123).

Esse embate pela legitimidade se apresenta de forma mais evidente em algumas falas, como a de Fábio: “a gente convivia *afu*⁵¹, né, principalmente nas

⁵⁰ “*Homo sacer* é um conceito cunhado por Giorgio Agambem, filósofo italiano cuja produção se concentra nas relações contínuas entre filosofia, ética, estética, lógica, literatura, poesia, política e o meio jurídico, compreendendo-as como áreas implicadas umas nas outras e indiferentes. Esse autor é considerado um importante expoente intelectual sobre a teorização do mundo contemporâneo e vem sendo usado como referencial teórico de diversas pesquisas. Ele retoma a figura do direito romano antigo *homo sacer* para evidenciar o ponto entre o poder soberano e a biopolítica que é exercido pelo meio jurídico e que torna certas vidas, *homo sacer*, matáveis.” (MARTINS, 2014, p.148). Sendo assim, Agambem entende por *Homo sacer* alguém que foi julgado por um delito e não é não é legal mata-lo, embora caso seja morto, quem praticar o ato não será considerado assassino.

⁵¹ Gíria usada no Rio Grande do Sul como sinônimo de muito, indicando intensidade.

praças jogando uma bola, mas aquele negócio, né, o cara⁵² sabia que eles tavam se envolvendo, aconselhava quando dava, mas né...”. É possível perceber esse combate que é travado na fronteira entre o mundo do “trabalhador” e o “mundo do crime” também nas músicas produzidas pelos MCs, como no caso a seguir:

Eu vi o mano sentado lá na esquina
Na humildade parei pra desenrolar
Estava vendendo maconha e cocaína
Boladão naquele clima Portanto fuzil AK
Falou pra mim que tava na vida bandida
Vida do crime que ele é 157
Falei pra ele: Braço, isso não é vida
Meu parceiro da antiga
Desde o tempo de moleque
Soltava pipa, jogava bola de gude
Esculachava na pelada no campinho
Perdendo a vida, estragando a juventude
Meu mano sabe bem onde vai dar este caminho
Chorando muito relembrou da sua infância
Sem esperança, só mágoa no coração
(Mc Tikão – Tempo de Moleque)

Em outro exemplo, a presença do discurso religioso também está presente:

Sei que na vida tem escolhas a fazer
E entre elas dois caminhos a escolher
Um te leva a perdição e um mundo sem luz
E o outro te traz alegria, te leva a Jesus
Sei que na vida loka o perigo é constante
Dinheiro fácil vai além nesse laço traçante
E no começo o que vem fácil é tudo normal
Mal sabe que o preço pago vem no final
Vi minha mãe chorar a perda do meu irmão
Por uma escolha errada, uma vida de ilusão
(MC Black e Mc Fak – entre o bem e o mal)

Sendo assim, os jovens não *envolvidos* diretamente com os coletivos criminais, atribuem a si um papel que consideram importante: o papel de disputar essa “fronteira de tensão” (FELTRAN, 2008a) entre o mundo do “trabalhador” e o “mundo do crime”, além de construírem um papel importante na tentativa de disputar um “enquadramento” em relação ao sentido da vida dos garotos periféricos que eram *envolvidos* e foram assassinados, nesse sentido, conforme Butler (2020a), a disputa por esse enquadramento tem como objetivo a utilização da lembrança como forma de resistência e produção de enlutamento através do reconhecimento. Contudo, ainda segundo Feltran (2008b, p.94), “nenhuma fronteira demarca uma

⁵² Gíria utilizada para se referir a uma pessoa de maneira informal, podendo também ser utilizado para se referir a si mesmo. “O cara sabia” nesse exemplo refere a si mesmo, indicando que o interlocutor já estava ciente do envolvimento do amigo com os coletivos criminais.

posição estanque”, ou seja, ao mesmo tempo em que esses jovens atribuem a si o papel de disputa pela legitimidade, e se contrapõem ao “mundo do crime”, eles também compartilham do “Conjunto de códigos e sociabilidades que se estabelecem, no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, de roubos e furtos” (FELTRAN, 2008b, p.93), assim sendo, em maior ou menor medida, esses jovens transitam entre essas fronteiras, havendo um entrelaçamento entre esses mundos que disputam a legitimidade nas periferias.

2.1 QUEM SOFRE É GENTE DA NOSSA GENTE

Mais uma vez a guerra estourou
Todo mundo pede paz e graças ao nosso senhor
Mais uma vez ferido inocente
E quem sofre é gente da nossa gente
E enquanto isso o menor vai maquinado
Com um sorriso no rosto
Coração dilacerado
Sei que lá no fundo ele teme perder sua vida
Fazer o que, vai entender periferia
(MC Pablo – Gente da nossa Gente)

Além da perda dos conhecidos durante a guerra, boa parte dos entrevistados já convivia com episódios de violência desde a sua infância. A *guerra* não trouxe para esses jovens uma experiência exclusivamente nova, mas potencializou episódios de violência que aparecem em diversos momentos das suas trajetórias. Um dos interlocutores da pesquisa, Leonardo, teve o pai assassinado na Vila Jardim, anos antes da *guerra*, quando o pai estava saindo para trabalhar. O pai de Leonardo não possuía *envolvimento* com o tráfico de drogas, mas foi vítima de uma bala perdida que o atingiu em meio a uma troca de tiros que ocorreu no momento em que saía de casa, poucos metros de onde morava. Devido ao assassinato de seu pai, Leonardo foi criado somente pela sua mãe. Fábio, outro dos jovens com quem conversei, conta que parte da família do seu pai, na época que ele era mais novo, era “*embolada com os cara*”. Inclusive, seu pai “era um dos *patrão*, mas depois de um certo tempo ele optou por *largar*. Ele criou uma consciência.”

Durante anos as periferias de Porto Alegre conviveram com um alto índice de violência, entretanto, a guerra caracteriza-se de forma marcante na vida dos moradores das periferias, especialmente dos jovens, pelo fato de que a violência tomou proporções ainda maiores, e limites estabelecidos dentro da violência já

existente foram rompidos e expandidos para todos os cantos da cidade com a polarização das disputas ao redor de duas grandes facções com um poder bélico maior e com maior recurso para a realização de ações violentas.

2.2 DESSAS FITA TÔ SERENO

Sempre me apoiou e me ajudou
Nunca me abandonou
Mãe, entenda, você é tudo que eu tenho
Várias tristezas cê já passou
Sofrimento, muita dor
E de tão guerreira até merece um prêmio
Sei que não sou o filho perfeito
Mãe, eu juro que até tento
O exemplo é eu não te dando desgosto
Não sou bandido mau-elemento
Dessas fita tô sereno
(Mc Choko – Mãe Guerreira)

A presença da figura materna é importante para compreender as trajetórias desses jovens e a forma como se posicionam em relação ao *envolvimento* com os coletivos criminais. Não quero dizer com isso que a presença da figura materna por si só afastou esses meninos do *envolvimento*, mas sim que o discurso da figura materna esteve presente nas falas de todos como justificativa da construção de um maior distanciamento em relação aos garotos *envolvidos* e aos grupos criminais, afirmando que o *envolvimento* com os coletivos representaria uma traição a esses ensinamentos.

Embora os conflitos não acontecessem em torno da figura das mulheres mães, essas adquiriram um papel importante nesse “evento crítico”.⁵³ Assim como Das (2020) observa nas trajetórias de Manjit e Asha em meio a Partição⁵⁴, essas mulheres possuem a tarefa de forjar a vida em meio a esses eventos. Kauã entende que o esforço da mãe para criá-lo sem a presença do pai e o exemplo que ela passou para ele fizeram com que ele não se *envolvesse*. Leonardo comenta que a sua mãe sofreu muito com o assassinato de seu pai, e que sempre trabalhou para

⁵³ A antropóloga indiana Veena Das (2020) entende por “evento crítico” um acontecimento que proporciona uma descontinuidade do cotidiano, rompendo com as trajetórias individuais e coletivas, bem como produzindo novas formas de habitar, pensar e se relacionar com o mundo, geralmente acompanhado de uma intensa violência.

⁵⁴ A Partição foi um evento histórico, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, que acarretou na independência da Índia britânica em 1947 e na divisão em duas nações, marcada por uma profunda hostilidade. A divisão aconteceu seguindo critérios religiosos, os hindus e sikhs territorializando a Índia, e os muçulmanos o Paquistão.

nunca deixar faltar nada em casa, e isso fez com que ele não precisasse se *envolver*. Fábio diz:

- Sempre fui o *certo pelo certo*, minha mãe até hoje me fala que essa vida não vale a pena. Ela já teve no meio disso quando tava junto com o meu pai e se arrepende. Prefiro *trampar*⁵⁵ um mês ganhando mil reais do que morrer amanhã ou depois. Minha mãe é da Igreja e sempre me ensinou o certo. (Fábio)

Nesse sentido, tomado de noções do mundo do “trabalhador” e do “mundo religioso”, os *não envolvidos* fazem um “juízo de valor” entre a sua “escolha” pelo *não envolvimento* com os coletivos criminais e a escolha dos demais que optam pelo pertencimento a esse mundo que eles consideram um caminho perigoso e traiçoeiro. As “dificuldades” dos jovens em compreender o *envolvimento* com os grupos vão ao sentido de que:

Estas ‘teorias’ tão díspares, e às vezes contraditórias na fala de uma mesma pessoa, advêm da dificuldade em pensar o espaço aberto a liberdade individual de escolher seu caminho em meio a condições determinantes tão adversas. Pois eles percebem os sinais de mecanismos já assentados do que poderíamos chamar “reprodução da violência”, ao mesmo tempo que tentam entender por que uns e não outros caem na vida “criminosa”. Esta tentativa que o trabalhador faz de compreender seu outro - o bandido - relativiza a oposição entre eles e acaba por aproximá-los enquanto pobres submetidos as mesmas condições de vida. A reflexão sobre as determinações sociais que levam os pobres a se identificarem uns com os outros alterna-se com a necessidade de discriminar os caminhos escolhidos e diferenciá-los moralmente. Mas todas essas explicações, muito necessárias para eles a julgar pela sua frequência e pela emoção que provocam, são tentativas de encaixar o que pode ser terrível tragédia pessoal numa lógica qualquer, na ordem das coisas deste mundo. Todo mundo sabe o fim dos bandidos pobres: morrer antes dos 25 anos. E ninguém quer ver seu filho, seu irmão, seu parente ou seu vizinho com esse destino. (ZALUAR, 1985, p.152-153)

O trabalho se apresenta para esses jovens como a principal distinção entre eles e os garotos *envolvidos*⁵⁶. De um lado, está o indivíduo que na fala de Kauã se apresenta como o que “prefere comer arroz com feijão todo dia, mas se deitar e dormir de boa” e do outro lado está o jovem que “em cinco anos no *crime* vive o que os pobres não vivem a vida toda”, como já escutei pelas ruas do bairro. De acordo com Feltran (2008a), essa ideia de “viver em apenas cinco anos o que os pobres não irão viver a vida toda”, pode ser entendida através da “crise do trabalho” nas últimas décadas e a intensificação de uma agenda neoliberal, que faz com que as

⁵⁵ *Trampar* é o mesmo que trabalhar.

⁵⁶ Compreendo que o trabalho se apresenta para esses jovens como a principal distinção entre eles e os garotos *envolvidos*, pois no caso da Vila Jardim a *guerra* fez com que a esmagadora maioria dos jovens *envolvidos* não chegasse a trabalhar no tráfico de drogas, e se voltassem exclusivamente à realização de *atentados*.

classes sociais menos abastadas tenham menos perspectiva de ascensão social do que as suas gerações anteriores, que enxergavam no trabalho formal uma maneira de ascensão social familiar. Entretanto, a ideia de ascensão social ainda está presente com força nas periferias, mas nos últimos anos tem assumido um caráter individualista, onde imaginar a ascensão social é sim possível, porém para um número limitado de pessoas e não mais é pensada uma ascensão social familiar, como gerações passadas acreditavam. A ideia de trabalhar muito e construir uma família está presente de forma clara não somente no imaginário dos que não possuem *envolvimento*, mas também é um horizonte para grande parte dos jovens *envolvidos*. Em Barros (2020), é possível perceber que a paternidade é um dos principais argumentos dos garotos *envolvidos* para ficarem “serenos”⁵⁷ e até mesmo almejem se desvincular dos grupos criminais. Nesse caso, a diferença entre os discursos dos *não envolvidos* e dos *envolvidos*, consiste sobretudo na prática, como no caso a seguir:

- Graças a Deus não tenho ficha nenhuma, trabalho desde os dezesseis anos e inclusive, agora saí do meu trabalho lá, mas mesmo assim aproveitei minha praia, continuo trabalhando pra caralho fazendo bico e mesmo trabalhando eu não paro de mandar currículo. Eu quero garantir um futuro melhor, quero sair da vila, ter minha grana, minha família. (Fábio)

A *guerra* também acabou por afetar a relação desses jovens com a construção da sua trajetória dentro da lógica do mundo do “trabalhador”. Com a intensificação dos conflitos e a “fama” de violenta que a Vila Jardim estava adquirindo na cidade de Porto Alegre, os interlocutores relatam que esse estigma trouxe alguns prejuízos para a sua ambição de “garantir um futuro melhor” através do trabalho. Nos últimos meses Leonardo estava desempregado e desde então estava a procura de emprego. Em uma de suas falas ele comenta que perdeu várias oportunidades de emprego, pois os horários eram em grande maioria no turno da noite, o que representaria um grande risco à sua vida, visto que “não é *barbada*”⁵⁸ subir a viela de noite”. Além disso, afirma que por diversas vezes foi excluído de processos seletivos por conta do local em que reside. Isso me fez recordar do período em que fui Jovem Aprendiz em uma clínica de doenças renais, localizada na área central da cidade. Uma das minhas atribuições era fazer o filtro dos currículos

⁵⁷ Barros (2020, p.192), se valendo de Rolim (2016, p.160) indica que “sereno” não é apenas um sinônimo para “calmo” ou “tranquilo”, mas também é utilizado para descrever “as coisas como boas, as emoções como adequadas e o cotidiano como algo protegido”, de modo que estar “sereno” “é também estar “de boa”, sem motivação para a briga ou para a discórdia”.

⁵⁸ A gíria “barbada” pode ser entendida como sinônimo de fácil.

que eram selecionados pelo RH, e a uma das orientações era justamente o descarte de currículos de pessoas que residissem em locais considerados violentos, pois a chance dessa pessoa ter familiares envolvidos com o tráfico de drogas era maior. Machado da Silva e Menezes (2019, p.531), referindo-se aos conflitos nas favelas cariocas, mas nesse caso deslocando para a *guerra* entre coletivos criminais nas *vilas* de Porto Alegre, destacam que é importante salientar que a culpa da *guerra* nas periferias é atribuída aos moradores, que tornam-se o “tipo ideal do outro que precisa ser afastado a qualquer preço”. Para Feltran (2020, p.55), “parentes de bandido são sempre suspeitos”. Esse tipo de situação também foi evidenciada por Fonseca (2004):

De fato, esse discurso é reflexo da situação enfrentada pelos moradores do bairro cada vez que se aventuram entre os grupos abastados. ‘Não dá para dizer que somos daqui. Se é para trabalhar, o cara vai dizer que já pegou alguém. Se é para comprar a prestação, vão recusar. Em todo caso, é sempre melhor inventar outro endereço’. (FONSECA, 2004, p.51)

Dessa forma, se as distinções feitas dentro da *vila* entre os jovens *envolvidos* e os jovens *não envolvidos* é, de certa forma, clara para todos, essa mesma distinção se torna menos evidente quando as relações se dão entre um indivíduo da periferia e um indivíduo inserido fora desse espaço. Uma das escolas do bairro, localizada no limite entre a Vila Jardim, o Jardim Europa e a Vila Ipiranga, apesar de ser uma escola pública, é composta, sobretudo por alunos de classe média que vem do bairro Vila Ipiranga e por uma quantidade pequena de alunos da Vila Jardim. Dentro da escola é perceptível quem são os alunos oriundos da Vila Jardim e quem são os demais. Durante nossa conversa, Leonardo recorda que durante a época em que estudava, contava mentiras para colegas e professores sobre a morte do pai. Leonardo justifica que isso se deu pelo motivo de que a grande maioria de seus colegas eram “*playboys*” e que quando criança comentou com os seus colegas sobre o assassinato de seu pai e os colegas o trataram de forma diferente, atribuindo a ele a figura de filho de “bandido”, ao qual Leonardo fazia questão de definir como “trabalhador”. De acordo com Machado da Silva e Menezes (2019), existe um sentimento de insegurança ligado às classes mais baixas por parte das classes mais abastadas, que enxergam esses locais como um conjunto de criminosos. Ao terminar de comentar sobre isso, Leonardo perguntou se eu não passei por situações parecidas durante os anos em que estudei naquela escola. Comento que sim, e relembro de momentos em que objetos eram roubados dentro

da sala de aula e eu era sempre o primeiro suspeito, por conta de ser o único da sala que era morador da Vila Jardim.

Seguindo com Machado da Silva e Menezes (2019, p. 533), surge da proximidade entre *envolvidos* e *não envolvidos* essa desconfiança muito grande por parte das populações que vivem fora das periferias em relação aos “favelados”. Esse tipo de diferenciação entre “trabalhador” e “bandido”, ou nesse caso entre *envolvido* e *não envolvido*, que é feita de forma mais definida dentro das periferias, quando extrapolada aos limites além das periferias, se dá de forma mais nebulosa, devido a maior dificuldade de definição por parte dos indivíduos não periféricos do que seria aquele corpo que está ocupando um espaço que não é considerado pertencente a ele. Conforme Feltran:

As periferias seriam então o lugar dos pobres, e todos sabem o que isso significa: trata-se de lugares subalternos socialmente, por vezes vistos como “submundos”, em que convivem misturados “trabalhadores” e “bandidos”, que despertam piedade e insegurança. Esses estereótipos, reforçados no dia a dia das cidades, evidentemente constroem os limites cognitivos da subjetivação política possível de indivíduos e grupos que vivem nesses territórios. Mais precisamente, essas categorias produzem mais sujeição que subjetivação, inscrevendo em corpos e territórios específicos valores externamente concebidos. (FELTRAN, 2010b, p.571”)

Entretanto, como já visto, essa distinção entre mundo do “trabalhador” e “mundo do crime” dentro das *vilas*, é extremamente complexa, tanto para os próprios moradores de periferia, mas especialmente para as pessoas que não residem nesses espaços. Todos os moradores das *vilas* são atravessados de certa forma pelo “mundo do crime”, visto que esse não se caracteriza como um opositor e nem é precisamente delimitado em relação ao mundo do “trabalhador”, mas sim se configura como mais um dos “mundos” em disputa, como por exemplo a família e a religião. De acordo com Feltran (2010b):

Assim, o ‘mundo do crime’ aparece como uma entre outras instâncias de geração de renda, de acesso a justiça ou proteção, de ordenamento social, de apoio em caso de necessidade, de pertencimento e identificação. Não se afirma aqui, portanto, que ‘o crime’ se espraia indistintivamente pelo tecido social das periferias, manchando o tecido social, nem que os jovens dali sejam ou estejam se tornando ‘bandidos’; a questão é outra: trata-se de um universo de relações em disputa pela legitimação social, pelos critérios de subjetivação social e política, que trava relações tensas (e intensas) com uma série de outras instâncias sociais mais tradicionais (FELTRAN, 2010b, p.595)

Em minhas conversas com Leonardo e Kauã, os dois comentaram sobre um caso muito marcante para toda uma geração de garotos da *vila*, que foi o

assassinato de um menino muito conhecido no bairro. Esse menino não tinha uma figura paterna presente, e a sua mãe havia falecido poucos anos antes da *guerra* começar. Poucas semanas antes de seu assassinato, ele começou a frequentar outras localidades e fazer menções sobre o grupo com raízes na Vila Jardim, mesmo sem nunca ter feito parte. Poucas semanas depois disso, foi assassinado, e as falas dos meus interlocutores indicavam que ele havia “*ratiado*”⁵⁹, quis “*pagar uma de pá*”⁶⁰ e havia sido pego. Esse caso pode ser entendido com um exemplo do trânsito que é feito entre esses mundos. Nas postagens em redes sociais é comum jovens periféricos fazerem alusão ao *TD2* ou *TD3*⁶¹, e até mesmo adotarem os discursos do grupo criminal presente na sua *vila*. Esse compartilhamento de códigos se dá justamente pelo caráter flutuante da relação entre os mundos, e não necessariamente significa que há envolvimento com as atividades criminosas.

2.3 GRITARAM TUDO 3, FALEI NÃO SOU DE FACÇÃO

Vários bailão na norte e vários copão na mão
Gritaram tudo 3
Falei não sou de facção
Me lembrei de uma fita do pique da zona sul
Os cara me encarando, já cheguei cumprimentando
E não dá para deixar pra depois
E os mano lá de quebra fizeram sinal de 2
Pelo menos eu tentei
Paz e amor pra ti também
Devo nada pra ninguém
Devo nada pra ninguém
(MC Meno K e Mc Ryan SP – Não Sou De Facção)

Leonardo, Kauã e Fábio também comentaram em suas falas que em muitas ocasiões omitem o bairro em que moram ou até mesmo mentem sobre a localização. Essa omissão, que em muitas ocasiões tornam-se mentiras, acontece por dois motivos principais: a segurança e a obtenção de “vantagens”. Segundo Fábio, sempre que vai para alguma festa em outra região da cidade, e perguntam para ele em que local ele mora, ele fala que mora no bairro Vila Ipiranga, do lado do Parque

⁵⁹ A gíria “ratiado” pode ser entendida como “vacilado”, ou seja, indica que algo que foi feito de forma errada.

⁶⁰ A gíria “pagar uma de pá” pode ser entendida como uma ação de se vangloriar, “se aparecer”.

⁶¹ TD é a abreviatura de “tudo” e 2 remete ao CV. TD2 então é uma sigla que faz alusão ao Comando Vermelho. Nesse caso, TD2 é utilizado em Porto Alegre pelo coletivo criminal dos Bala na Cara, que seriam mais próximos da facção carioca. Por sua vez, TD3 é uma sigla que faz alusão ao Primeiro Comando da Capital. TD3 é mobilizada em Porto Alegre pelos Antibala, que seriam mais próximos da facção paulista.

Germânia. Para ele, morar no bairro Vila Ipiranga e não na Vila Jardim é tirar do seu corpo a marca de pertencer mesmo não pertencendo, ou seja, é se afastar do coletivo criminal que está presente na Vila Jardim mesmo nunca tendo feito parte. O fato de morar na Vila Jardim, o local mais afetado pelas disputas entre 2016 e 2018, poderia trazer grandes complicações. Leonardo vai além, e comenta que em muitas ocasiões “larga até um Jardim Europa para se aparecer para as *guria*”. Nesse caso, a dissociação entre o seu corpo e o local em que reside, é feita para ganhar vantagem, e se tornar um “*playboy*”.

As falas de Leonardo são marcadas por uma tentativa incessante de se desvincular da figura do “favelado”. Entretanto, quando essa figura do “favelado” pode representar alguma vantagem, ele instantaneamente volta a se localizar nessa posição. Leonardo é o único branco dos três jovens que participaram da pesquisa. Ele mesmo afirma que seus cabelos loiros e os seus olhos verdes proporcionam um afastamento mais concreto da imagem do “favelado”. Nesse sentido, essa imagem se traduz não somente pelas vestimentas e pela fala, mas sobretudo pela raça. Sendo assim, é muito mais fácil para um jovem branco se dissociar da figura de favelado do que para um negro. Conforme Pimenta (2014, p.702), “essas constatações reforçam a importância de se analisar e compreender os fenômenos da violência na juventude, em todos os seus aspectos, incluindo-se aí as diferenças marcantes observadas entre gênero, classes e raças”.

Esse trânsito realizado entre os “mundos” proporciona a esses jovens o acionamento de mecanismos para enfrentar as mais diversas situações cotidianas nas *vilas*, desde momentos que envolvam perigo até momentos que envolvam a obtenção de alguma vantagem. Fábio, o mesmo jovem que por diversas vezes reafirmou que “não possuía ficha” e “graças a Deus sempre trabalhou e nunca se envolveu”, ao final da entrevista, quando estávamos indo em direção ao banheiro, com um sorriso no rosto e apontando para as suas vestimentas e tatuagens, comentou comigo que “elas gostam assim ó, de bandido, e não dos *playboy*”, se referindo as mulheres. Nessa situação em que a posição de “bandido”, caracterizada pelas roupas, tatuagens e gírias é mobilizada, é feito o trajeto contrário do que ele veio a fazer minutos antes, com o incessante esforço de se dissociar dos “bandidos” e se colocar como “trabalhador”. Esse trajeto é percorrido em ambos os sentidos a todo instante, incorporando a ideia de “trabalhador” e “bandido”, mobilizando o estabelecimento da fronteira como um recurso para lidar com as situações.

As quadras de futebol do Parque Germânia são caracterizadas pelo encontro entre duas realidades distintas. Jovens de classe média vindos do bairro Vila Ipiranga e outros de classe alta vindos do bairro Jardim Europa, se encontram com os garotos da *Vila* e dividem os mesmos espaços nas quadras de futebol. Em uma das ocasiões, estava jogando futebol com um grupo de jovens de classe média – todos brancos – quando chegam por volta de dez jovens da Vila Jardim – todos negros - para se juntarem e jogar futebol. Conhecia todos que estavam se juntando para jogar e quando chegaram na quadra começaram a rir e falaram que nem parecia que eu morava na Vila Jardim, no meio de tantos outros brancos. Um dos meninos da *Vila* então comenta: “ele – se referindo a mim - é cria da VJ que nem nós, só que é branco”. A raça então surge como um facilitador e permite que os garotos brancos se utilizem disso para se distinguir da figura do “favelado” com muito mais facilidade do que os negros. A Vila Jardim, portanto, assim como as demais periferias, é marcada por uma profunda diferença interna, que vai desde questões como a raça até questões econômicas. Feltran já havia observado a importância desses marcadores internos:

Com o tempo, pude notar que para quem vive nos bairros que eu estudo é muito relevante marcar a distinção entre ‘quem mora nas casas’ e ‘quem mora na favela’, embora a princípio não desse nenhuma importância a isso. Da mesma forma, hoje posso distinguir o que se quer dizer quando se diferencia “quem trabalha”, quem ‘tá trabalhando’ e quem ‘não arruma serviço nenhum’; quem ‘estudou’ e quem ‘não estudou’; quem ‘vem do norte’ e quem ‘é de São Paulo mesmo’; quem ‘tem cabeça’ e quem ‘não tem’; quem ‘é bem de vida’ e quem ‘passa necessidade’; quem é ‘moreno’ e quem é ‘branquinho’; quem ‘gosta de uma cachaça’, quem ‘tá na droga’, quem ‘é viado’ etc. Se todas essas categorias não são bem compreensíveis para quem vive fora das periferias, ou têm ali sentidos diferentes, a marcação interna dos lugares e papéis sociais de indivíduos, famílias, grupos e territórios das dinâmicas sociais que estudo depende delas. (FELTRAN, 2010b, p.574)

Assim sendo, apesar dos meus entrevistados serem todos moradores do bairro, entre eles há uma grande diferença nas formas como tiveram contato com a violência no período da guerra. Conforme Das (2020), o sofrimento causado por um evento crítico não se caracteriza como uma experiência uniforme. Sem dúvidas, quem menos demonstrou preocupação com a presença dos conflitos foi Kauã, que mora em uma área próxima de uma das avenidas da *vila*. De acordo com Feltran:

Há o pessoal que se considera de ‘classe média’ (chamados de ‘playboys’ por quem não se considera assim); há os moradores das ‘casas’, do ‘bairro’, mais próximos das avenidas que das favelas; há o pessoal que vive nos ‘conjuntos’ habitacionais, produzidos por políticas públicas; e finalmente há o “pessoal da favela. (FELTRAN, 2010b, p.589)

Essa distinção também acontece no plano econômico. Quando conversava com Leonardo sobre o assassinato de seu pai e a presença da sua mãe em sua trajetória, ele constantemente me questionava sobre o meu posicionamento em relação ao nosso *não envolvimento* com os coletivos criminais. Em uma de suas falas, Leonardo cita que a minha criação⁶², assim como a dele, não foi marcada pela “necessidade financeira” e ainda acrescenta dizendo que sente que foi “mimado” pela mãe e que seria “*caganeira*”⁶³ demais para se envolver com o tráfico. Essa definição de “*caganeira*” demais para se envolver certamente não é construída no “mundo” do jovem *não envolvido*, mas é uma ideia construída no “mundo” dos jovens *envolvidos* e pode ser entendida como um medidor da “masculinidade” expressa por esses garotos. Nesse sentido, a capacidade de produzir violência se caracteriza como um parâmetro para distinção entre os “*caganeira*” e os “*ralado*”, “*islâmico*”, “*fudido*”, “*terrorista*” entre tantos outros adjetivos usados para definir os “corajosos”, cuja masculinidade é construída e expressa em cima da violência das periferias. Segundo Pimenta:

A provocação coloca em questão autoimagens do que significa ‘ser homem/macho’ e suscita comportamentos e/ou engajamento no sentido de afirmação da ‘masculinidade’. Adolescentes e jovens, portanto, são desafiados sob pena de serem rotulados como ‘fracos’, ‘bichas’, ‘moles’, ‘cagões’, ‘caretas’, entre outros epítetos, a responderem a uma ofensa, a compartilharem um cigarro de maconha ou a participarem de um assalto. (PIMENTA, 2014, p.714)

A ideia da “criação” exposta por alguns dos meus interlocutores está vinculada tanto a questões econômicas quanto a questões educacionais. Quando um menino da *vila* considerado “*playboy*” entra para o tráfico a comoção com ele é muito maior, pois as perspectivas de futuro daquele jovem, segundo os moradores da *vila*, eram muito maiores do que as de outros que vêm de famílias com menor poder econômico ou são negros.

Segundo Fonseca (2004, p.51), “o jogo de classes, ao encorajar a mobilidade individual e seletiva, lança as pessoas – parentes e amigos – em trajetórias divergentes”. Deste modo, “pobres” e “ricos” vivem lado a lado, e um mesmo espaço

⁶² É importante destacar que fui adotado ainda quando era recém-nascido. Fui criado pelos meus tios paternos. Sendo assim, por isso Leonardo utiliza esse argumento, pois no núcleo familiar que faço parte não há nenhum envolvido, e os meus irmãos consanguíneos que foram assassinados foram criados pelas suas mães.

⁶³ A palavra “*caganeira*” é utilizada como sinônimo de covarde e medroso.

é capaz de produzir uma grande diferenciação. As falas de Leonardo sempre dão a entender que aquele não é o seu local, que a sua condição não deve ser comparada com a situação dos outros jovens do bairro. Assim sendo, Fonseca (2004, p.51) afirma que “no que diz respeito à aquisição de bens materiais e simbólicos, um abismo se abre entre os que sobem na hierarquia e os que ficam atrás”.

A incessante tentativa de romper com a figura do “favelado” acontece em dois campos, um fora da periferia e o outro dentro. Para o outro corpo periférico “pobre” ele é “*playboy*”, mas fora dos limites da periferia esse corpo é visto como apenas mais um “favelado”. Sendo assim:

Os laços não são, contudo, facilmente rompidos. Durante muito tempo, às vezes uma ou duas gerações, a proximidade residencial ou familiar leva vantagem sobre as diferenças de nível socioeconômico. Os ‘ricos’ e os ‘pobres’ continuam a viver lado a lado, e, quer se trate dos de cima ou de baixo, a existência deste ‘outro’ – íntimo, porém estranho – assumem a definição de si. (FONSECA, 2004, p.51)

A *guerra* fez com que os jovens tivessem que abrir mão dos estudos, se mudar, terminar relacionamentos com meninas de outros bairros, não frequentar festas em territórios dos *contra* da *vila* e até mesmo não “*dar mole*”⁶⁴ nas ruas da *vila*, entre outras diversas coisas, além de também mensurarem os impactos de tudo que é dito ou feito. Dessa forma, a vida desses pode ser entendida como uma “experiência de confinamento socioterritorial e político que causa nos moradores de favelas uma intensa preocupação com manifestações violentas que impedem o prosseguimento de suas rotinas e dificultam a manifestação pública de suas demandas” (MACHADO DA SILVA; MENEZES, 2019, p.533), denominada “vida sob cerco” por Leite e Machado da Silva (2008).

Leonardo comenta que durante o período de maior conflito na Vila Jardim, entre os anos de 2016 e 2018, estudava no turno da noite, e por diversos dias precisou faltar a aula. Para ele, o trajeto mais difícil era quando estava chegando em casa e precisava passar por uma viela, e segundo ele, tirava o boné para enxergarem seu rosto e caminhava pelo canto da rua, para conseguir enxergar quem estava no fim da viela e sair correndo em caso de trocas de tiros. Fábio relata que antes da guerra começar ele costumava ficar na frente de casa até amanhecer, mas depois que a *guerra* começou nunca mais ficou seguro em estar do lado de fora do pátio. Para ele, “a mudança foi muita, depois de um tempo começou aparecer

⁶⁴ “Dar mole” é utilizado para se referir ao descuido, não ficar atento ao perigo, vacilar.

cabeças pela rua. Os *cara* começaram a querer mais e mais e acabaram se *passando*". Em uma de suas falas se referindo ao medo de andar pelas ruas da *vila*, Fábio comenta:

Era muito complicado. A grande maioria trabalhador, inclusive meus irmãos também. E eu por estudar a noite, era uma insegurança maior, por mais que depois de um tempo eu tenho me mudado, né. Na rua tu não se sente seguro, qualquer hora pode acontecer algum *bagulho*, mas né, todo cuidado é pouco. Eu deixei de estudar dois anos, tinha muita gente *envolvida* e eu me sentia inseguro, principalmente por ser *gurizão* e de cor, né. Eles não tem nem pena das *mina*, imagina dos *cara*. (Fábio)

Kauã por sua vez relata que não gostava de andar muito pelos becos e pelas vielas, e que toda vez que precisa ir ao mercado ou cortar o cabelo, fazia os trajetos mais longos para não "*dar mole*". Conforme Magalhães (2021, p.11), essa situação "faz com que as rotinas de vida sejam dilaceradas continuamente por choques violentos", dificultando o planejamento da vida e das ações cotidianas. A cidade então ficou restrita a lugares onde esses jovens, mesmo não sendo envolvidos, podiam frequentar ou não. Festas e encontros em regiões onde o coletivo criminal contrário ao coletivo criminal do bairro em que moravam, são classificados como territórios extremamente perigosos, e esses indivíduos são considerados *contras* desses grupos presentes nesses lugares, como evidenciado por Cipriani: "para frequentar as sociais do bairro, por exemplo, é preciso ter cuidado: os caras da VJ, que são Antibala, não costumam ir nas sociais da Safira, território por excelência dos Bala" (CIPRIANI, 2019. p.172). Amizades e namoros com pessoas que moram em outros bairros rivais podem ser considerados uma sentença de morte. Uma imagem compartilhada com frequência nas redes sociais, tanto de garotos quanto de garotas que moram na Vila Jardim, é a montagem de uma conversa entre duas pessoas que estão se conhecendo e uma pergunta para a outra qual a facção do bairro dela, e logo após a resposta, a pessoa que perguntou acaba bloqueando o contato da outra. O que possui o intuito ser um "*meme*"⁶⁵, acaba revelando um pouco das diversas estratégias desses jovens para lidar com condições tão adversas, que se "*der mole*" pode vir a gerar consequências irreversíveis.

Um menino, que se dividia entre momentos na Vila Jardim e momentos em outro bairro da capital, onde o grupo contrário controlava, precisou escolher em qual

⁶⁵ Para Ton Torres (2016), no contexto da internet, "meme" é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais.

das *vilas* ele iria ficar, e essa escolha fez com que ele nunca mais pudesse voltar ao local em que passou parte da sua infância. Esse não foi um caso isolado, pelo contrário, nos momentos mais intensos da *guerra*, as famílias que tinham familiares na *vila* dos *contra*, optaram por não realizarem mais visitas nas casas de seus parentes, pois essa visita poderia ser vista como alguém que poderia estar ali para “*dar a cena*”, especialmente se essa contasse com a presença de algum jovem, que pela “camisa de time, bonezinho e prata no pescoço” poderia ser identificado como um *contra*.

Tomando Das (2020) como referência, mesmo existindo esse período intenso de sofrimento, é notório que esses jovens, mesmo cercados por uma extrema violência, continuam a seguir as suas trajetórias, com os seus sonhos, seus desafios, e adaptam essa realidade de extrema violência em seus cotidianos, lugar onde encontram uma forma de cicatrização para seguirem com os seus objetivos vinculados ao mundo do “trabalhador”, vivendo “não só com lembranças materializadas nas paredes das casas, nas portas carbonizadas, nos montes de cinza da rua, mas também com ameaças materializadas em palavras e gestos” (DAS, 2020, p.138). A vida desses garotos precisou continuar durante esse evento de violência extrema, e em meio ao assassinato de familiares, amigos, a privação de diversos espaços, a iminência da morte e outros tantos problemas acarretados pela *guerra*, esses jovens se transformaram, reconstruindo seu cotidiano e criando alternativas para enfrentar e se manter vivo em meio a esse episódio e os seus desdobramentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo a tentativa de entender de que forma o processo de expansão violenta iniciado pelos Bala na Cara, e a aliança de outros diversos grupos que visavam frear este processo, que culminou na *guerra* entre os BNC e os Antibala, que teve seu ápice entre 2016 e 2018, transformou a vida dos jovens da Vila Jardim, o local mais atingido pelos conflitos e bairro em que eu e os meus interlocutores crescemos.

No primeiro capítulo busquei retomar quais foram as circunstâncias que levaram ao surgimento dos Bala no interior da vila Bom Jesus e o seu processo de expansão violenta para outras *vilas* da capital e posteriormente do interior do Estado, fazendo um paralelo com grupos criminais de outros estados do Brasil. Busquei também retomar o processo de alianças entre diversos grupos da cidade de Porto Alegre, especialmente a partir dos grupos com raízes na Vila Jardim e na Vila Cruzeiro, que tinham como objetivo frear o avanço dos Bala para dentro de suas *vilas*, e a conseqüente criação dos Antibala, que desde seu processo de criação, passou – e ainda passa – por diversas transformações econômicas e na dinâmica das alianças, que se refazem a todo momento. Além disso, ainda no primeiro capítulo retomo as articulações internas anteriores a guerra, que fazem com que a Vila Jardim, um pequeno bairro na Zona Leste de Porto Alegre, que antes contava com a presença de diversos grupos pequenos espalhados, se fortaleça e seja um dos principais pilares dos Antibala e de que forma isso acarretou em uma forte investida realizada pelos Bala, que tem suas raízes no bairro vizinho à Vila Jardim, a Bom Jesus.

Na segunda seção do trabalho evidenciei a minha proximidade com o objeto de pesquisa e de que forma isso poderia guiar esse trabalho. Para isso, trouxe as experiências das feministas negras, como bell hooks, Grada Kilomba e Patrícia Hill Collins, noções do feminismo decolonial com Glória Anzaldúa, de escrevivência, com Conceição Evaristo e também de autoetnografia, com Gama. Dialogando com os meus interlocutores em algumas partes do trabalho, abordei as experiências dos jovens *não envolvidos* com episódios de violência, bem como uma tentativa de relacionar o discurso desses jovens *não envolvidos* com os discursos existentes dentro das *vilas*, que se apresentam como “campos de tensão”, além do trânsito realizado por eles nas fronteiras entre os “mundos” que dividem e disputam espaços

nas periferias. Abordei desde os impactos concretos, como a limitação dos jovens para circular e frequentar diversos espaços da cidade, até formas de resistência a esses impactos e a manutenção de suas vidas.

No decorrer de minha pesquisa, identifiquei que dentro das trajetórias dos meus interlocutores, existem diferentes graus de proximidade com o “mundo do crime”, e esses diferentes graus de proximidade interferem de forma significativa nos impactos que a *guerra* trouxe para eles. Ainda que a guerra tenha trazido experiências traumáticas e tenha transformado a vida desses jovens, tanto na forma como enxergam o mundo, quanto na forma como existem e ocupam os espaços da cidade, as experiências com a guerra se manifestam de formas distintas entre os garotos moradores da *vila*, seja pelo seu grau de *envolvimento*, seja pela forma como o seu corpo performa, ou ainda, pela forma do seu discurso e também de suas vestimentas, como camisas de time, bonés, correntes e tatuagens.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.

BARROS, Betina Warmling. *A coerência da crueldade: os significados da violência extrema para os envolvidos no tráfico de drogas no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) UFRGS, Porto Alegre, 2020.

BILL, MV; ATHAYDE, Celso. *Documentário Falcão - meninos do tráfico*. YouTube, 24 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B-s2SDi3rkY>. Acesso em: 26 abr.2022.

BUENO, Winnie De Campos. *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle*. Dissertação (Mestrado em Direito) UNISINOS, São Leopoldo, 2019.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020b.

CIPRIANI, Marcelli. *Os coletivos criminais de Porto Alegre entre a “paz” na prisão e a guerra na rua*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUCRS, Porto Alegre, 2019.

CIPRIANI, Marcelli. As “facções criminais” em porto alegre: diálogos e dinâmicas desde o cárcere. *XXXI Congreso ALAS*, Uruguay, 2017. Disponível em <https://www.easyplanners.net/alas2017/opc/tl/6135_marcelli_cipriani.pdf>.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, UnB, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DEBERT, Guita G. "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral". In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 141-156, 2004.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". *Cadernos de campo*, n.13, p. 155-161, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de Tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais) UNICAMP, Campinas, 2008a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296846927.pdf>

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Irmãos: uma história do P.C.C. São Paulo: Companhia das Letras*, 2018.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *O legítimo em disputa: As fronteiras do "mundo do crime" nas periferias de São Paulo*. *Dilemas*, v1, n.1, p. 93-126, 2008b.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo*. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, 2010a.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Das prisões às periferias: coexistência de Regimes Normativos na "era PCC"*. *Revista Brasileira de Execução Penal*, Brasília, v.1, n. 2, p. 45-71, 2020.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.53 Nº2, 2010b.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. - 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FRANCO, Marielle. *UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Administração) UFF. Niterói, 2014.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 2, p. 188-208, Universidade de Brasília, 2020.

HARTMANN, Luciana. "Eles brincam de guerra mundial: protagonismo infantil em narrativas de imigrantes". *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v. 23, n.3, p.923-942, 2018.

hooks, bell. *Esinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cogobó, 2019.

LYRA, Diogo. *A República dos Meninos: juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p.53-84, 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio; MENEZES, Palloma Valle. (Des)continuidades na experiência de “vida sob cerco” e na “sociabilidade violenta”. *Novo Estud. CEBRAP*, v. 38, n.03, p. 529-551, São Paulo, 2019.

MAGALHÃES, Alexandre. A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n.106, 2021.

MARTINS, Aline Souza. *Por que a guerra?* Política e subjetividade de jovens envolvidos com o tráfico: um ensaio sem respostas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) USP, São Paulo, 2014.

MARTINS, Heloísa Helena. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 287-298, São Paulo, 2004.

PAIVA, Luiz Fábio S. “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Cadernos CRH*, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Masculinidades e sociabilidades: compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. *Dilemas*, v. 7, n. 3 p. 701-730, 2014.

RODA, Viva. *Conceição Evaristo*. YouTube, 06 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 26/04/2021.

ROLIM, Marcos. *A formação de jovens violentos: estudo sobre a etiologia da violência extrema*. Curitiba: Appris, 2016.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. *Cienc. Cult.*, v. 68, n. 03, São Paulo, 2016.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.